

Num.
54
Anno II



17
Fevereiro
1923

DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

DEPOIS DO CARNAVAL



Corações que fogem...

(Des. de Paco)



A Saude da Mulher

Remedio efficaz para

INCOMMODOS DE SENHORAS

Combate todas as enfermidades do utero e
dos Ovarios

FRUCTAL

Pó effervescente á base de
saes de fructas

Laxativo, digestivo, anti-acido e diuretico, muito agradável de tomar, cura as perturbações gastro-intestinaes e regularisa as funções do aparelho digestivo :: ::

Uma unica dose do Fructal alivia immediatamente qualquer incommodo do Estomago ou dos Intestinos.

PREÇO NESTA CAPITAL 4\$000



COMP. DE LOTERIS NACIONALES DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Sabbado, 17 do corrente, Ás 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 8\$000 EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade
PASTEURIZADA - PURA - SABOROZA

Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43

RIO DE JANEIRO

VERIFIQUEM OS PREÇOS
DA

CASA YORK

CAMISARIA

22|26 Assembléa

Esquina da Rua do Carmo

O GRANDE REMEDIO BRASILEIRO

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL



"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Grande Depurativo do Sangue
Unico de extraordinario consumo
Unico que tem o seu attestado na Voz do Povo



BIOTÔNICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Em todas as farmácias e drogarias
Depositaros. Plinio Cavalcanti & Cia.
Rua da Alfandega, 147 - RIO

Como os homens se enganam...

Figura de relevo na engenharia e na administração, o moço profissional é doido pela mulher. Não a deixa ir a cinemas, nem a festas, sem a sua companhia.

— O unico lugar em que pôdes ir sósinha, é no dentista. E' um amigo em que eu tenho absoluta confiança.

E o «flirt» de madame, ou cousa mais grave ainda, é, exactamente, o dentista!...

Mme. Camouflage

Todas as tardes, quando o dr. S... t. s. L. bo se postava á porta do Arthur Napoleão, a esposa daquelle moço de imprensa, que se pinta escandalosamente, distinguia-o com um cumprimento, acompanhado do mais gentil dos sorrisos. Certa manhã, andava o conhecido mundano á procura de um amigo pela rua Correia Dutra, quando viu a uma janella, no andar terreo, uma cara «fanée», que lhe não era desconhecida. Fez um esforço de memoria, e chegou á conclusão de que aquella meia ruína da manhã era a sua linda conhecida da tarde!

Desde esse dia, madame, quando passa para o Alvear, não olha, mesmo de esguelha, para a porta do Arthur Napoleão.

CASA RAUNIER

OUVIDOR, 170

Ultimas novidades em artigos de
camisaria e
chapéos para homens

"SEXUOL"**Que é a felicidade?**

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

"SEXUOL"

Remedio providencial, de efeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo da Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia. Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia. DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18

Enforcamento

Batendo com a colherinha de sorvete na beira da taça vasia, o jovem medico, antigo membro da Embaixada Nabuco de Gouvêa, chamou:

— Garçon, traga outro, de abacaxy!

Enquanto o rapaz ia e vinha, o moço esculapio indicou ao companheiro no salão do andar terreo, uma linda lourinha, oxigenada, que trazia um pirralho pela mão:

— Aquella é a tal, que ia causando a calamidade.

— A que ia ocasionando o enforcamento daquelle rapaz alto, que está á porta?

— Exactamente. Elle disse que se penduraria a uma bandeira de porta, si fosse abandonado.

— E então?

— Então? Pendurou-se... no pescoço d'ella!

Preterição

Não obstante possuir casa no Rio, o conhecido homem de sociedade desceu de Petropolis e alugou, para os quatro dias, um apartamento em um dos grandes hotéis do centro. Sabbado, ia elle tomar conhecimento do terreno, quando, á porta do quarto, encontrou uma portuguesinha joven e linda, que fazia a limpeza do aposento.

— Bom dia, menina! — saudou.

— Bom dia, sr. doutôre! — respondeu a rapariga.

— Dize-me uma cousa: os colchões aqui são macios?

— Não sei, meu senhôre! — tornou a pequena.

E ruborisada, mordendo a ponta do avental:

— Os homens que vêm dormir aqui, já vêm, sempre, acompanhados...

E baixou a cabeça, triste.

Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Sciencia do Amor.....	18500
O filho milagroso. Contos galantes.....	18000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas experiencias ao alcance de todos.....	28500
Amar, gosar, morrer. Romance realista de Max Bois. 2.ª edição.....	28000
Hygiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	28000
Um cabra perigoso. Contos singelos.....	28000
Mysterios da "Seita negra" ou os Dramas Secretos dos Conventos, por Max Dariol. Edição profusamente illustrada.....	58000
A filha do peccado. Romance.....	18500
A dançarina de Pompeia. Romance de costumes antigos por Jean de Bertheroy.....	28000
Sensações, poesias de Regina de Alencar.....	38000
<i>Romances Illustrados de Paulo de Kock a</i>	<i>15500</i>

As ligas da noiva	A filha perdida
Bella costureira	Amor e ciúme
O casamento forçado	Amor e ciúme

Collecção Garota a 200 rs.

Um passeio ao campo	Uma Aventura de Amor
A cela de Cleopatra	O banho de Adeline

Grande sortimento de fasciculos do novella popular

Miss Boston — A unica mulher policia de todo o mundo, 400 rs. cada folhetim com episodio completo.

Patrick Osborne — O rei da policia.

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta - Sherlock Holmes.

Novos mysterios de Paris, Toto Tounard, o bravo policia francez.

Eva — Revista humoristica hespanhola, 500 rs.

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ALBUNS PARA BORDADOS, LIVROS, ETC.

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇA»



— Este Carnaval, nós iremos passal-o no Rio! — promettia, desde Janeiro, o dr. Caio de Vasconcellos à sua encantadora companheira de destino, a risonha Maria Dulce, orgulho dos salões sergipanos. — Não somos pelo Centenário, mas iremos agora.

Maria Dulce era, sem duvida, uma das mais lindas mulheres cujo rosto já foi iluminado pelo sol de Aracajú. Alta, forte, morena, possuía uns olhos negros que acariciavam, e um collo tão macio, tão redondo, como se o tivessem fabricado para uma exposição de escultura. O cabelo, de seda, era uma série de ondas luzidas, um oceano escuro, e cheiroso, por onde navegavam noite e dia os beijos apaixonados do marido. Quanto a virtude, era inatacável. Jámais se rendeu a um galanteio, fazendo questão fechada da sua boa reputação.

— No dia que se disser em Aracajú que eu fui desleal a meu marido, nesse dia eu darei um tiro no coração! — dizia ella, sempre, às amigas.

Certo da dedicação da esposa, o dr. Caio de Vasconcellos tinha, nesta, absoluta confiança. Para experimental-a, punha-lhe tudo à disposição, dizendo-lhe que sahisse sosinha. A moça recusava, porém, essa liberalidade, fazendo crescer, dessa maneira, a paixão que o companheiro

lhe votara. E foi amigos, assim, que embarcaram os dois para o Rio, quinze dias antes das festas carnavalescas.

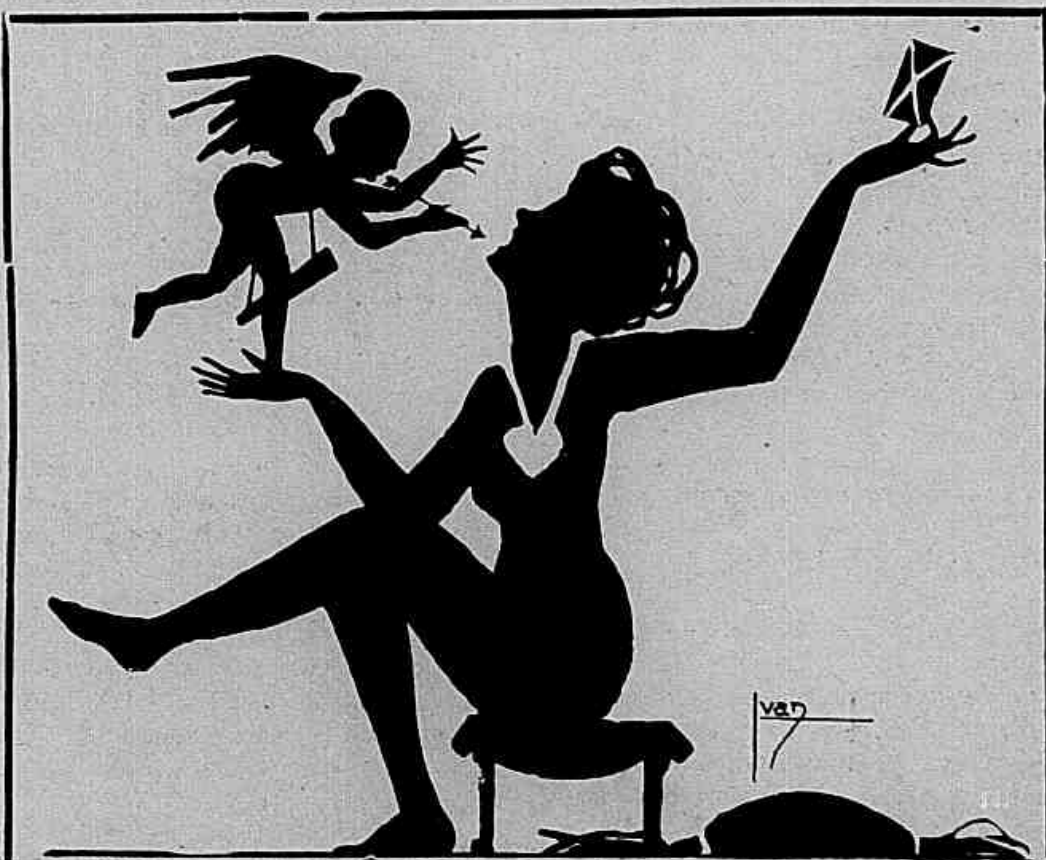
O tumulto da grande cidade não modificou em nada a divina sergipana. A sua honestidade era uma couraça poderosa, de encontro, á qual se quebrava, inutilizando-se, a concupiscência dos homens. Debalde a olhavam, insolentes, no refeitório do hotel; debalde se descobriam significativamente no elevador os hospedes ou visitantes: a sua impassibilidade era a das divindades ou das estatuas, ou a de quem carrega, á frente da procissão, o hostiario santificado.

Poucos dias, porém, faltavam para o grande domingo da Alegria, quando o dr. Caio foi chamado, de repente, a São Paulo, para a liquidação de um grande negocio no interior do Estado. E estava ainda por lá, redigindo o contracto a ser assignado pelos seus

constituintes, quando começaram a troar, na Avenida, os bombos do Carnaval.

— Sim, senhor! — pensava Maria Dulce, nos seus aposentos do hotel. — Vir ao Rio para ver o Carnaval, e sahir daqui sem ter visto nada!

A convivencia naquella residencia collectiva tinha permitido, entretanto á formosa moça de Aracajú algumas relações femininas, que eram o seu consolo na ausen-



VESTIDOS FINOS

PARA

SENHORAS E MENINAS

SEMPRE OS MAIS RECENTES E
VARIADOS MODELOS PARISIENSES

EM EXPOSIÇÃO NO

AO 1º BARATEIRO

100, Avenida Rio Branco





CARNAVALESCA



conto de JOÃO FORTUNATO

Procedendo, embora, de famílias do mais alto conceito social, o casal Cerqueira de Lyra nascera, pode-se dizer, sob a protecção dos deuses galhofeiros. Folião desde menino, adorava o Carnaval. E como foi num Carnaval que conheceu a Zézita, que se tornara sua esposa, era natural que esta afinasse pela mesma corda, perdendo inteiramente a linha aos primeiros ribombos da Avenida.

Ainda se estava pelo Natal, escolhendo os perus para o forno, e já o Sebastião e a Zézita combinavam cores de seda para a fantasia do anno proximo. E era mesmo sem disfarce que se metiam num automovel, na noite de 31 de Dezembro, sahindo a percorrer a cidade cantando ou, antes, berrando cantigas populares. Polia-se dizer, mesmo, que o repertorio artistico de madame Cerqueira de Lyra era composto da «Cabolca de Caxangá», do «Ai, Filomena», da «Minha Rolinha», da «Baratinha», do «Tatu subiu no Pão», sem que isso alterasse, entretanto, a sua reputação de mulher de bom gosto.

A mania carnavalesca de moça não alterava, assim a sua comprehensão da virtude.

— A Zézita — dizia o marido, — é como aquella garça do Alberto de Oliveira.

E repetia, em prosa, o verso do poeta:

— Passa na lama sem sujar as pennas!

Effectivamente, nada se podia dizer, de mais, daquella encantadora doidivanas. Em caminhão, de automovel, ou a pé, divertia-se loucamente, cantando as suas coplas, esguichando perfume nos olhos de toda a gente fazendo desenrolar no espaço o fio multicolor das serpentinas. A's vezes, num apertão, um atrevido approximava-se d'ella, pondo-se em contacto com o seu braço, com a sua perna, com o seu collo, num atracão desrespeitoso. Esses excessos não tinham para ella a menor significação: não sentia um arrepio, uma revolta, um arrebatamento, sequer, dos sentidos. Dir-se-ia que não tinha sexo, ou que era um rapaz, como os outros que se atracavam com ella.

Era fiado, talvez, nessa falta de temperamento da esposa, que o dr. Cerqueira lhe dava liberdade tão ampla. A's vezes, num baile á fantasia, ou numa réfrega em plena Avenida, elle dava por falta da companhia. Isso, porém, pouco o incomodava, porque estava certo de que, de manhã, ella iria ter á casa, fatigada,

suada, com os cabellos cheios de confetti e o corpo cheirando a laca-perfume, mas honesta, direita, pura, enfim, tão casta como sahira.

Aquelle domingo de Carnaval fóra, porém, mais animado do que nos outros annos. Mettida num domiño negro, sapatinhos de setim róseo, gola cor de rosa, e á cabeça, um barretinho de seda preta, Zézita, era, positivamente, um diabinho maravilhoso. A meia-mascara cobria-lhe apenas os olhos, que, entretanto, se trahiam, espiando curiosos pelas duas janellas que lhes haviam deixado.

Não obstante a vulgaridade da fantasia, aquelle mascarado chamava a attenção. A graça do vulto, a belleza da bocca minúscula, a alvura dos dentes pequeninos, a doçura da pelle que ficava a descoberto, a finura dos cabellos castanhos, a harmonia do collo turgido, eram attributos a revelar uma formosura de eleição, uma d'essas joas humanas cinzeladas pacientemente pela Natureza. E foi isso mesmo que percebeu, do seu automovel, o Anthenor Dutra, quando a puxou em plena Avenida, para o seu carro, carregando-a para o Assyrio, onde pularam, dançaram, e beberam, até as tres da manhã.

Onde passaram d'essa hora nem ella soube. O que havia de certo, é que ella chegara em casa ás oito da manhã, encontrando o marido, com a cara suja de crouge, os cabellos empastados de farinha de trigo, de sapatos, cinto, calça de flanela e camisa de seda, roncando profundamente. Atirou-se ao seu lado, pegou no somno, e, ao acordarem, os dois, ás quatro da tarde, puzeram-se a trocar impressões, de olhos fechados.

— E tu por onde andaste? — indagou o marido.

— Eu? Fiz uma asneira. Mas felizmente sem consequencias.

E passou a contar:

— Fui para o Assyrio com um Pierrot, ceíamos, e, depois, fomos não sei onde. Quando passou o effeito da «champagne», eu estava sem domiño, sem sapatos, e com elle dormindo, junto de mim. Vesti-me, e fugi. Felizmente, elle não me conhece.

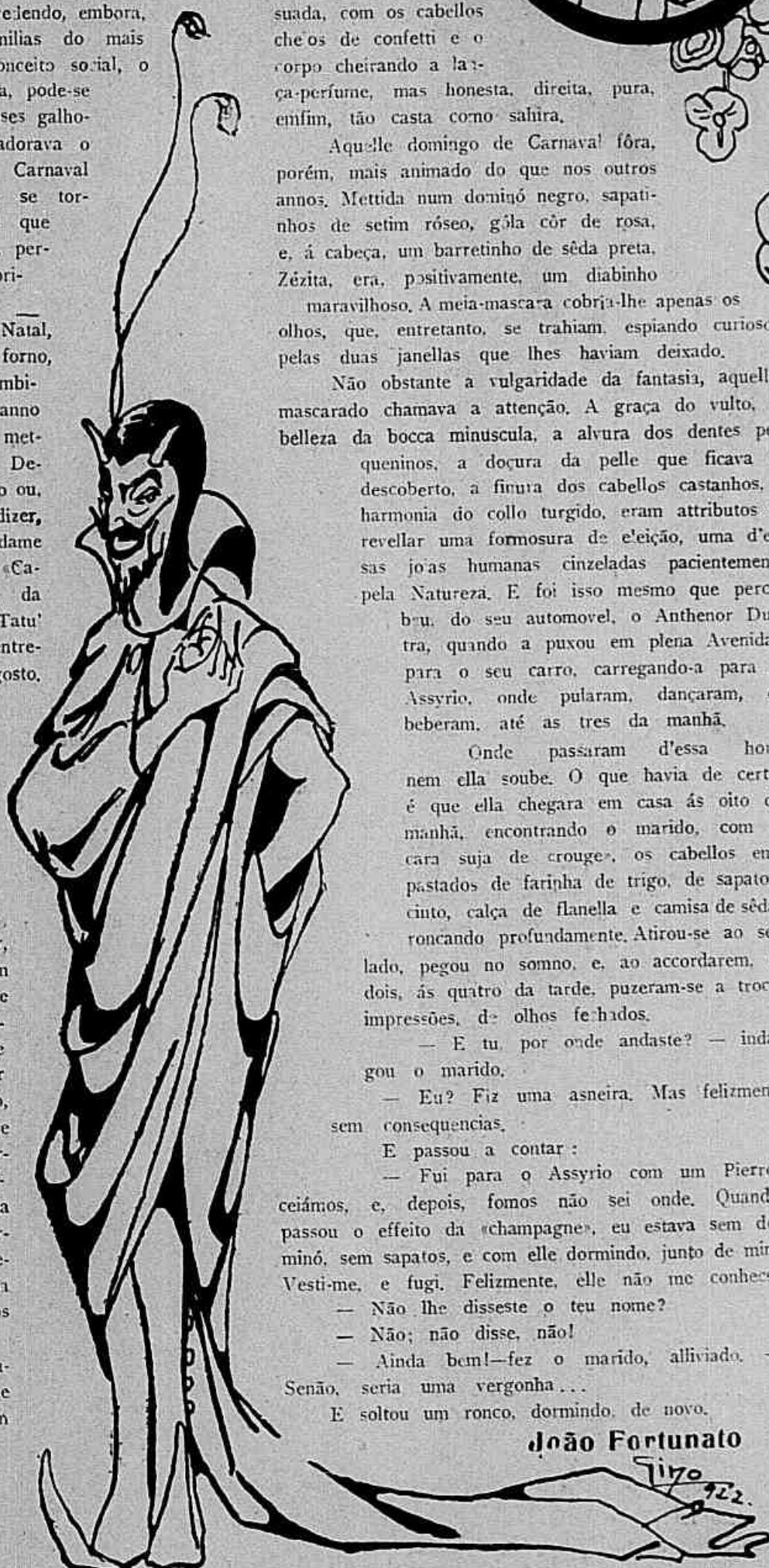
— Não lhe disseste o teu nome?

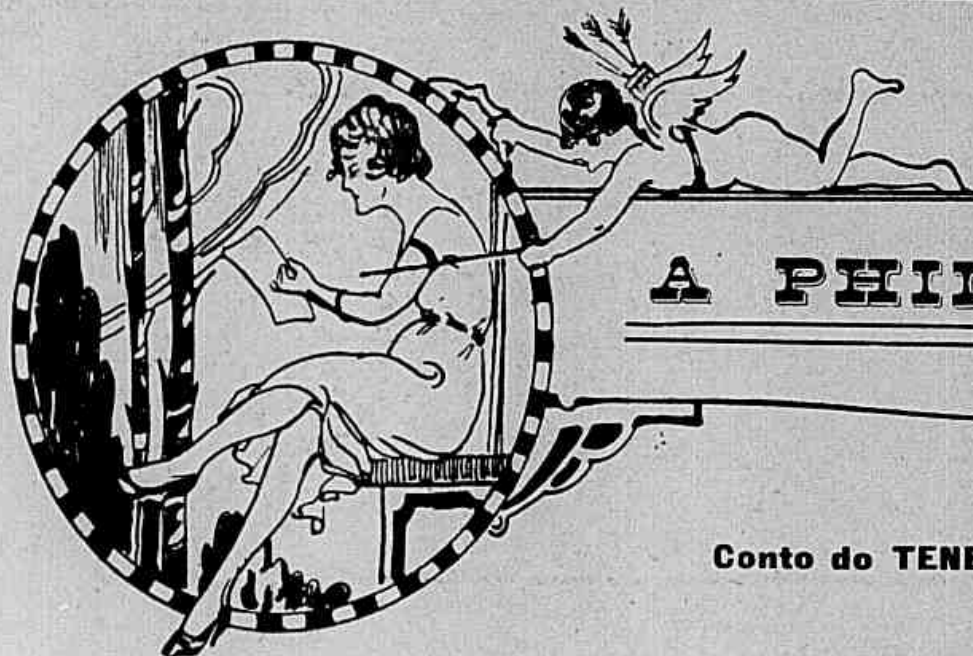
— Não; não disse, não!

— Ainda bem! — fez o marido, alliviado. — Senão, seria uma vergonha...

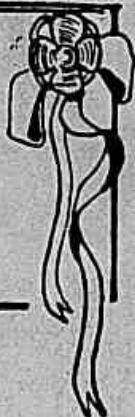
E soltou um ronco, dormindo, de novo.

João Fortunato





A PHILOXÉRA



Conto do TENENTE MARTINS

O maior cuidado de Dona Marietta Gomes era a educação d'aquelle filho. HorrORIZAVA-a a idéa de possuir um rebento da sua arvore sem a noção completa da moral catholica, e foi com essa preocupação que tomou, ella propria, á sua conta, a educação completa do pirralho.

— Quero que você se torne um homem como seu avô; um homem sério, formado na lei de Deus, e que seja, um dia, fidalgo da Santa Sé!

E assim ia sendo, mais ou menos. Sem confiança no marido, que podia ministrar informações profanas ao seu Ricardinho, ou sahia madame com elle pela cidade, ou pedia, ao pae, o conde Souza Vianna, que sahisse, levando-o ás conferencias, ás exposições, aos logares instructivos. E foi em uma visita á Escola de Bellas Artes, que o menino, vendo o avô parado diante de um marmore admiravel representando uma belleza feminina, em tamanho natural, indagou, vivaz:

— Vovô, que folha é esta?

— E' folha de parreira... — informou o ancião, a voz tremula, puxando-o carinhosamente pelo braço.

Dias depois, passeiavam Dona Marietta, o filho, e o padre Corrêa, amigo da familia e padrinho do pirralho, pelo jardim da grande chacara do Corcovado, quando o reverendo estacou diante de uma videira, cujas folhas haviam sido atacadas pela philoxera. Estacou, arrancou a folha, examinou-a devidamente e ia atiral-a fóra, quando o Ricardinho indagou, os olhos muito vivos:

— Dindinho, que bicho é esse?

— E' a philoxera, uma molesta das parreiras... — informou paciente o sacerdote.

— E isso só dá nas plantas de verdade? — insistiu o menino, os olhos na cara do padre.

E como ninguem respondesse, por não ter comprehendido:

— E' porque o vovô, quando vae commigo naquella museu, fica um tempo enorme, olhando aquellas folhas que estão naquellas mulheres de pedra!

Tenente Martins

cia do marido. E foi uma das suas novas conhecidas, a viuva Trigueiro Mendes, que lhe lembrou, com a sua complexa dicção de carioca:

— Mas, porque você não vae, meu bem? E que mal faz? Ninguem te conhece, nem a mim. Se tu quizeres eu vou com você.

— Fantasiadas?

— Sim, está visto! Poderemos, assim, ir olhar os bailes, nos clubs. Não ha mal nenhum, desde que não vamos nos misturar com os dançadores.

A lembrança da honrada senhora calou no espirito de Maria Dulce. E de tal modo que, no domingo de Carnaval, penetravam as duas, mascaradas, no High-Life, onde lhes foi exigido o reconhecimento.

Submettidas a essa formalidade, procuravam as duas reajuntar a mascara quando a de mme. Caio de Vasconcellos cahiu. E cahiu no momento, exactamente, em que um amator photographico, o dr. Paulo Monteiro, tirava um instantaneo, o qual apanhou a linda senhora em todo o esplendor da sua formosura fulgurante.

— Meu Deus! E agora? — exclamou a pobre moça puxando a amiga para a rua, afim de tomarem um automovel, rumo do hotel.

A noite toda, passou-a Maria Dulce a pensar no instantaneo.

— E se é para alguma revista? — malutava — Que se dirá de mim em Sergipe?

Foi, pois, com o coração oppresso que recebeu, no dia seguinte, da sua companheira, uma informação segura. O rapaz que a photographara, era um capitalista conhecido, que colleccionava retratos. A's vezes, porém, fornecia ins-

tantaneos aos jornaes illustrados, e que estes publicavam. Era o unico perigo.

— Nesse caso, vou procural-o! — resolveu, firme, Maria Dulce.

— A senhora? — extranhou a viuva.

— Eu, mesma!

Segunda-feira, á tarde, preparav-se Paulo Monteiro para sahir, quando parou um automovel á porta da sua «garçonnière». Olhou pelo vidro, e foi com verdadeiro alvoroço que desceu elle proprio, a abrir a porta da sala, dando entrada á mais linda mulher que os seus olhos tinham visto.

— Já adivinhou o motivo da minha visita... Não? — começou Maria Dulce, detendo a emoção.

— Supponho ter adivinhado... confirmou o rapaz numa curvatura, indicando-lhe uma cadeira, ao lado do divan.

Maria Dulce esclareceu o seu caso. Queria levar a chapa. Era preciso que não ficasse nas mãos de um extranho um documento que compromettesse a sua reputação, que era aquillo que ella mais presava.

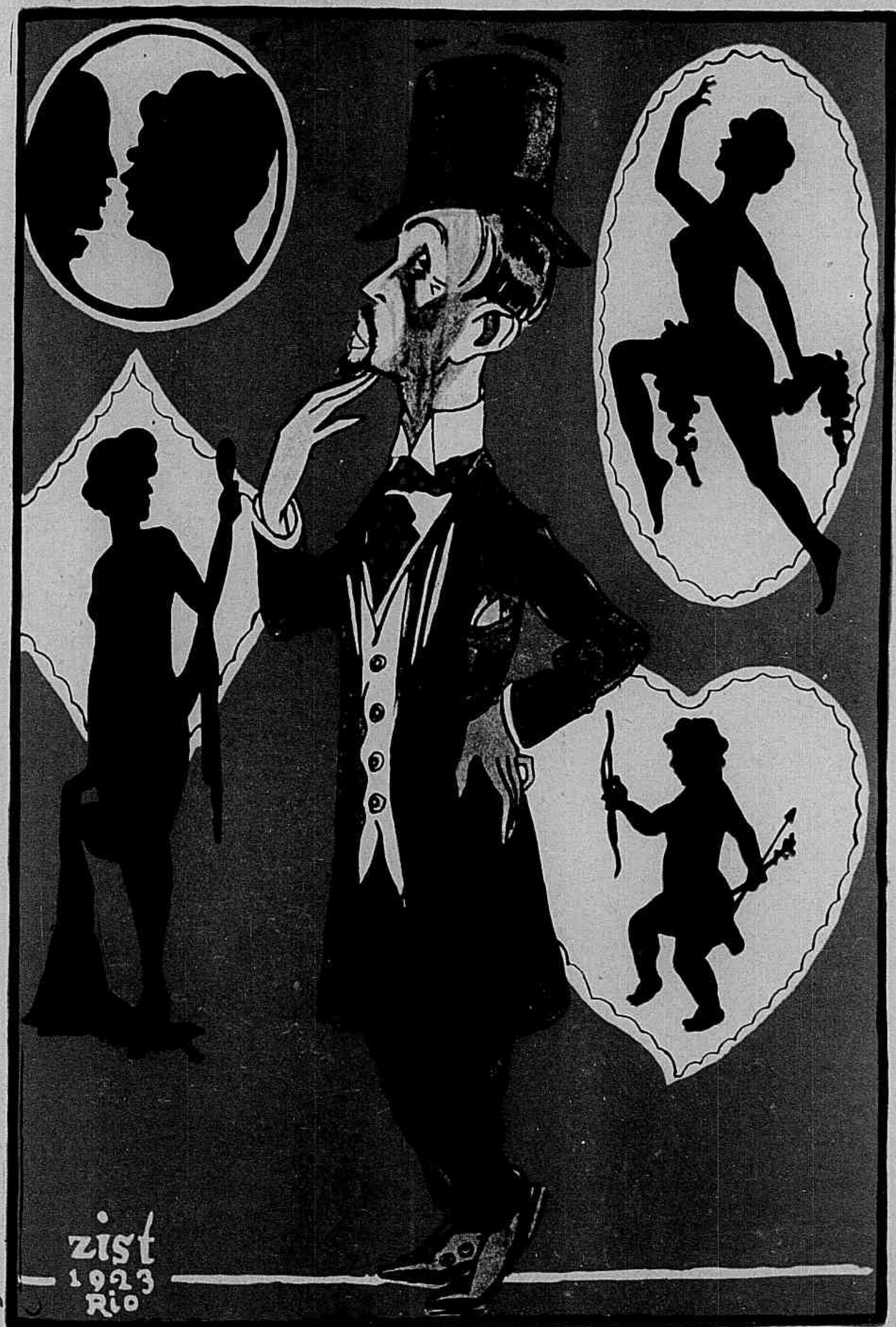
— E em paga, que me dá? — indagou, sorrindo, o rapaz puxando-a para o divan, e sentando-a a seu lado.

Hora e meia depois, Maria Dulce de Vasconcellos repunha o chapéo de plumas negras, diante do espelho da «garçonnière». Ao lado, num embrulhinho amarrado com fita azul, estava a chapa photographica.

Tinha-lhe custado o sacrificio da sua honestidade, da sua virtude, da sua dignidade de esposa, porém salvára, diante dos outros, a sua reputação...

X. X.

CREAÇÕES DE THEATRO



João Martins, creador do « Conselheiro X X », figura central da peça « Meu bem, não chora! », de Carlos Bittencourt e Cardoso de Menezes, com 200 representações, no « Recreio »

(Caric. de Cunha Barros)



ROMPIMENTO

Conto de PAUL BRIQUET

Os casos de amor de Felipe Jackson eram numerosos. Elle tomava uma mulher por um dia, jurava-lhe paixão por toda a vida, e abandonava-a ao fim de um mez, obrigando-a a rompimentos inevitáveis. Apenas, elle não tinha coragem de romper, elle mesmo. Não tendo alma de carrasco, essas iniciativas lhe pareciam odiosas. Para isso, porém, possuía um amigo, o Rogerio, companheiro a toda a prova, que, nesse terreno, jámais lhe havia recusado os seus prestimos.

Naquelle sabbado, chamado por um pneumático urgente, Rogerio apresentou-se na «garçonnière» de Felipe.

— De que se trata?

— Deves ter adivinhado: eu tenho que romper com a Lili!

— Mas, tu não a adoravas?

— E' possível que eu a adore, ainda. E ella a mim, também.

Foi por minha causa que ella

deixou um dos seus dois amigos, como sabes. Mas ella me fatiga. Persegue-me demais. Nossa ligação já dura ha dois mezes, e isso se torna perigoso. E' preciso cortar o mal pela raiz.

— E é a mim que entregas o bisturi?

— Ah, Rogerio! Tu és meu amigo, e eu não me esquecerei, jámais, do serviço que me vaes prestar. Se eu continuar com essa creatura, estou liquidado. Além disso, estou com um «flirt» delicioso com uma formosa lourinha que tu vaes conhecer. A Lili deve estar aqui, dentro de alguns minutos. Tu a receberás, em meu lugar. Recebe-a aqui. Não a deixes entrar para o meu quarto. Dize-lhe o que tu quizeres, o que te vier á cabeça: que eu estou doente, que eu me caso, que eu a engano. Mas despede-a. Quando ella se fôr embora, chama-me. Mas não a faças chorar... Comprehendes?

— Isso é commigo.

— Meu caro Rogerio... Ia me esquecendo. E' preciso fazer as cousas direito, correctamente. Lili é uma mulher de bem. Eu preparei um cheque de cinco contos, para ella. Tu lhe entregarás. Isso a consolará um pouco, e amenisará as cousas... Tocaram a campainha; ouviste? E' ella... faze o que eu te disse.

Era, effectivamente, a rapariga. Chegava alegre, rissonha, o busto pesado, o coração leve.

— Felipe está ahí?

— Não; não está.

Isso foi dito em voz tão grave, tão soturna, que Lili percebeu, logo, que havia qualquer cousa.

Rogerio continuou:

— Felipe está de viagem por algum tempo.

— Mas, se eu devia me encontrar com elle, hoje! — obtemperou a rapariga.

— Lili, é preciso que você tenha um pouco de coragem, de resignação, — tornou o rapaz. — Eu estou encarregado de uma triste missão... Você não verá mais Felipe...

Lili não pôde articular, sequer, uma palavra. Atirou-se para um divan, as mãos nos olhos, chorando convulsivamente.

Como se depõe uma flôr sobre uma tumba, Rogerio aproximou-se, e depositou o cheque sobre os joelhos da rapariga. Fel-o, porém, tão de leve, que ella não deu por elle senão ao fim de alguns minutos.

— Ah, — fez a pobre, num suspiro; — acabou-se tudo!

E ao dar com o cheque:

— Eu não aceito... Elle não me comprehendeu... Eu o adorava... Mas, sem calculo, sem interesse... Por elle, eu abandonei um amigo... Por elle, recusei todas as vantagens... Era como os outros... Mas eu lhe queria bem... Como eu soffro!... Agora, tenho que voltar ao Carlos...

Nesse momento, foi como nos theatros. A porta do quarto abriu-se, emoldurando a figura agitada de Felipe.

— Aos meus braços! — gritou. — Minha amante adorada! Eu queria, apenas, provar a intensidade do teu amor! Fica!

Elle a apertava, comprimindo-a, bebendo-lhe as lagrimas. Toda mo'le e commovida, quebrada pela emoção, Lili deixava-se abraçar, beijar, apertar. Seu braço direito pendia inerte. Ao fim dessa braço, a sua linda mão, e o cheque de cinco contos, um pouco machucado.

— Dá-me isso, — pediu Felipe, docemente. — O pesadello passou. Eu não quero que te fique a menor recordação d'este incidente!

E metteu o cheque no bolso.

Paul Briquet

O ULTIMO DOS CATUJUBAS

Conto do ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Filho unico do saudoso Barão de Catujuba, o coronel Zezinho, si não herdara as qualidades de intelligência do pae, tivera uma vantagem: ficara com a vasta fortuna do velho, representada principalmente pela fazenda de Passo Fundo, com oito mil cabeças de gado, e com bemfeitorias calculadas em mil e quinhentos contos de réis. Além d'essas virtudes sonantes, possuía outra: a de não se ter casado, conservando-se indifferente a mulheres até os cincoenta annos de idade.

Fidalgamente burro, conhecendo do mundo apenas a sua fazenda, e da humanidade unicamente os seus garrotes, sentiu o coronel Zezinho, em breve, os effeitos da sua vida sedentaria: começou a engordar solemnemente, principalmente no ventre, o qual se multiplicara cinco vezes, tomando a forma prosaica de um barril.

— Meu senhor São Cosme, que será isto?... — indagou, de si consigo, o honrado fazendeiro.

E meditava elle sobre o seu estado, quando recebeu, certo dia, uma carta anonyma que dizia assim:

«Coronel Zezinho. Você é tão burro que está para ter creança. Que haverá nessa barriga?»

Essa pergunta de origem desconhecida cahiu no cerebro do ultimo dos Catujuba como um raio de sol num precipicio.

— Quem sabe, mesmo, se isto não será menino?... — indagava, ás vezes, á hora do crepusculo, a mão no queixo, o virtuoso celibatario. — E que trabalho para mim, sozinho, sem mulher em casa, ter de tratar de uma creança!...

Afundava-se o coronel, como um peso num sacco de paina frouxa, nessas delicadas cogitações, quando começou a pensar:

— E se eu deitasse o menino antes de tempo?... A mulher do Pulcherio estava assim, tomou pulsatila, da caixa de homoeopatia, e foi tiro e queda: o pirralho veio ao mundo, morto.

E resolutio:

— Vou tomar pulsatila!...

O resultado, como era natural, foi ne-

nhum. Apenas uma dorsinha ligeira, por cima do umbigo, e dois dias de cama, com a cabeça amarrada, á espera das consequencias. E como se desilludisse do successo, levantou-se o coronel, no terceiro dia, com a esperanza reduzida e a barriga do mesmo tamanho.

Triste, pallido, abatido, o filho do Barão de Catujuba não pensava, agora, senão no seu herdeiro, e na alteração que elle, ao vir ao mundo, imprimiria á sua vida. E meditava sobre isso, quando um dos seus vaqueiros, o João Batata, se apeiou em frente á casa de fazenda, para communicar ao patrão:

— «Seu» coronel, eu vim communicar a Vossa Senhoria que hoje não campeiei. Minha mulher, que estava no quinto mez, foi trepar numa mangueira, e cahiu de lá. O menino nasceu morto, e eu tive que ir enterrar na villa.

— Então, quéda faz nascer os meninos?

— Vossa Senhoria não sabia? — estranhou o caboclo. — E' coisa certa!

No dia seguinte, pela manhã, metteu-se o coronel no seu chambre de ramagens vernie-lhas, e sahiu, firme, carregando a barriga, rumo de uns cajueiros que ficavam para os lados do curral. Chegando lá, trepou-se, e, ao atingir um dos galhos mais altos, largou-se, como uma pedra.

— Pum!... — foi o baque que se ouviu, duzentos metros em torno, como se tivessem descarregado um canhão.

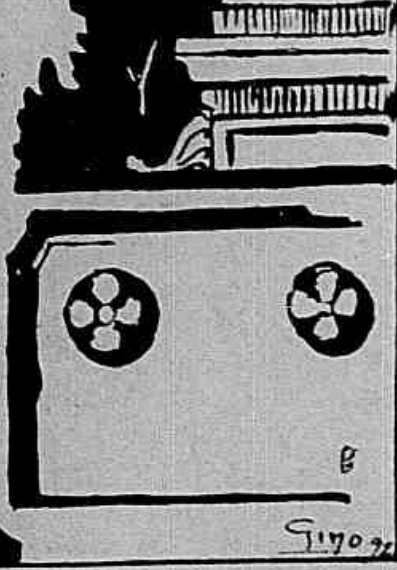
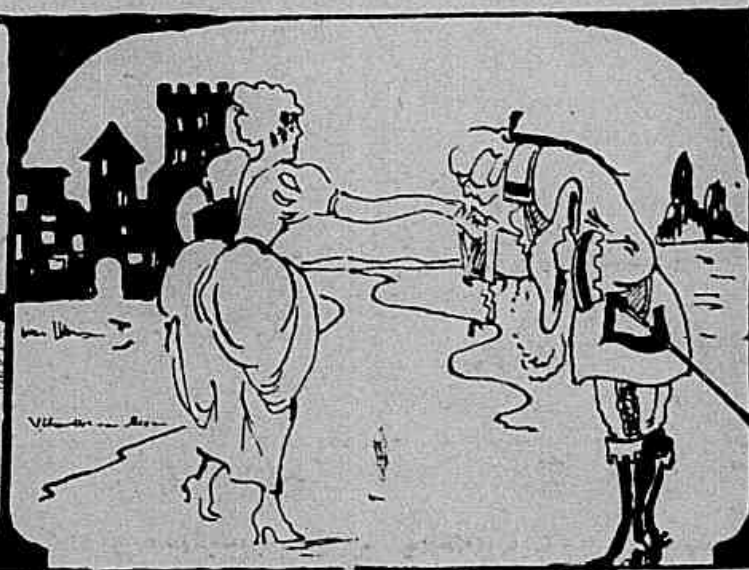
Ao largar-se, porém, do alto, o fazendeiro não olhara para baixo. E de tal modo que desabara, certo, em cima de uma cabra de leite, a qual desatara na carreira, deixando apenas o cabritinho, que ficara balindo, afflicto, enredado no chambre do coronel.

A queda havia sido, no entanto, fatal. Tendo na descida, batido com a espinha num dos galhos do cajueiro, o infeliz chegou ao chão, agonizante. Restou-lhe, porém, ainda, serenidade, calma, coragem, para apertar o cabritinho de encontro ao peito, gemendo, num ultimo arranco:

— Meu filho!... Meu fi.. lho!...

E morreu.

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS



AS CALÇAS DO FEIJÓ'

Conto de JAUFER

Quando a banda de musica da Força Publica ainda se dava ao luxo de nos deleitar, de oito em oito dias, com um concerto na esplanada do Theatro Municipal, — bons tempos aquellos! — o major Firmino Feijó, velho e distincto servidor do Estado, não perdia nenhum.

Realmente, os programmas, organizados com capricho, com gosto e, sobretudo, com arte, sob as vistas exigentes do capitão Antão Fernandes, convidavam. E o major Firmino, como amante devoto que sempre foi da boa musica e apreciador autorizado dos grandes compositores, não deixava escapar um só, fosse inverno ou verão, e não arredava pé do jardim, enquanto os italianos bigodudos do capitão Antão não assoprassem, com a valentia do costume, a ultima nota da derradeira peça. Seu logarsinho predilecto era um banco de pedra, proximo á chaminé monumental, hoje desaparecida, com o assentamento da estatua do Pinheiro Machado, metamorphoseado em Carlos Gomes, por obra e graça do divino Brizzolara. E alli, plantado no banco, o olhar perdido no espaço além, ora marcando compasso com o pé, ora procurando acompanhar a musica com aquelle assobiosinho todo seu, — um «fi-fi» desafinado de grillo cabuloso, — o honrado burocrata se deslembra, por completo, da vida, deixava-se elevar, subia, trepava, ia céus em fóra, embevecido, arrebatado, hypnotizado, subjugado, até o mundo da lua, que segundo parece, confina com o paraíso de Mahomet.

Uma noite, porém, esse sonhar-acordado do sympathico funcionario foi perturbado pela chegada intempestiva de uma linda moçoila, que passeava por aquellas bandas o pequeno confiado aos seus cuidados. Era este uma creança interessantissima, loura, risonha e papagueadora. A creança, não menos interessante, era uma morenaça bem acabada, dessas que dirimem qualquer crime da natureza do peccado original, cheia e perfeita de corpo, de ancas proeminentes e seios atrevidos, bem vestida e muito asseada. Como o banco fosse de dimensões reduzidas, a morena foi constrangida a se encostar, mais do que devia, e, talvez quizesse, no conspicuo major.

E' claro que este não deixou de dar o seu mais solemne cavaco com essa appareção fóra de horas, a perturbar-lhe o deva-



neio, tão doce e tão grato, a que, semanalmente, o entregavam os trombones e pistons do maestro Antão. Mas, cavalheiro superlativamente delicado, prezando, acima de tudo, as leis da mais severa polidez, incapaz, portanto, de uma feia acção, enguliu em secco toda a zanga que lhe fervia lá por dentro e não disse palavra, antes procurou ceder mais e melhor lugar á intrusa. A creança, — era um garoto, — poz-se logo á vontade. Reina aqui, peraltça mais adiante, sóbe a um canteiro, cae acolá, não se detendo um segundo, siquer. De momento a momento, a rapariga chamava:

— Anda cá, Nenê!

Mas Nenê não attendia. Fazia ouvidos de mercador, o velhaquete. Ao fim de umas tantas voltas o garotinho se approximou geitosamente do major, ergueu rapido a camisinha, e, sem cerimonia, nem mesmo dizer agua vai, — zás —, pespegou-lhe, nas calças novas cor de alecrim, uma esguichadela indiscreta, que o nosso homem de boa mente teria dispensado. A moçoila incommodou-se seriamente com a irreverencia do petiz e formulou, atrapaalhada, mil pedidos de desculpas e perdão, que eram, infallivelmente, deferidos:

— Ora, não faz mal... não faz mal...

Não fazia mal, era verdade, mas a perturbação da rapariga não conhecia limites e ella, por fim, não se conteve e, tomando do lenço, abaixou-se e começou a limpar, perna acima, perna abaixo, os pontos alcançados pela irrigação, enquanto Nenê, á distancia, ria, a bom rir, da peça que pregara.

Com esse movimento, a morena ficou com a nuca encostada no queixo do major. Elle, que por tal não esperava, sentiu-se sobre brazas, atarantado com o cheirinho exquisito que partia d'aquelle pescoço roliço e convidativo. Encontrava-se numa situação arrevezada e sem sahida. Queria arredar o nariz do cangote da rapariga, mas o nariz recalcitava, e não havia tiral-o d'alli. Procurava fechar os olhos, mas os olhos teimavam em ficar bem arregalados, naancia de ver tudo aquillo que enxergavam e mais alguma cousa que por certo adivinhavam. Percorriam-lhe o corpo, de alto a baixo, uns arrepios intoleraveis. A respiração tornara-se offegante, quasi extertorava. Nas pernas, sentia — como si estivesse soffrendo dez injeções ao mesmo tempo, umas agulhadas ferozes, penosas, que o punham em palpos de aranha. As mãos, crispadas, não encontravam posição que as accomdasse e por isso não descansavam, num rodopio infernal. O pobre do major Feijó estava alli, estava praticando uma descabellada tolice. E, enquanto isso, a morena esfregava... esfregava... esfregava...

Tudo no mundo tem, porém, o seu fim. Nada ha, bom ou mau, que sempre dure. A tarefa a que se entregara a rapariga tambem acabou e ella, sorridente, ergueu-se, a implorar ainda muitas desculpas e, limpando o suor com o mesmo lenço com que enxugara as calças do Feijó, voltou á posição antiga. Então o austero burocrata, meio gago, a suar por todos os poros, num gesto de camarada, chamou o pequeno com empenho e, mostrando as calças, na parte attingida, pediu:

— Vem cá, Nenê!

E com um sorriso, que lhe dava cara de choro:

— Vem fazer pipi outra vez! ...

Jaufer (S. Paulo)



O SARRO

Conto de BATU ALLAH

Viuvo da primeira esposa, que tinha sido uma santa, o sr. Bernardo Pacheco, da razão social Pacheco, Vianna & Cia., nutria o desejo de contrahir segundas nupcias. Tal era, porém, o temor de ser mal succedido na «réprise», que chegou aos cinquenta annos sem ter tomado uma deliberação decisiva.

— Eu tenho necessidade de constituir familia novamente — dizia elle, aos seus socios, que considerava os seus melhores amigos; — mas tenho medo de ser infeliz encontrando, em vez de uma esposa pura como era a Thereza, uma dessas levianas de que o Rio de Janeiro está cheio.

— Eu, no seu caso, — opinou o Borges Santos, que era o «Comp.» da firma; — eu, no seu caso, escolhia uma menina ingenua, innocente, que não conhecesse nada da vida. Ainda é na ignorancia que se encontra a pureza.

— Pois, eu, no caso d'elle, — apartava o Ernesto Vianna, — escolheria uma moça que não frequentasse bailes, festas, passeios, mas, também, que não fosse creança. A consciencia da honestidade depende mais do tempo do que da educação.

Entre as duas opiniões, achou o sr. Pacheco que a mais sensata era, talvez, a ultima. Casar com mulher jovem, embora honesta, seria uma teme-

ridade. O melhor, pois, era procurar uma creatura de uns trinta e poucos annos, boa, pura, ajuizada, que lhe dêsse o carinho, o conforto, a tranquillidade domestica.

— Nessas condições eu conheço uma creatura como não ha outra!

— informou o Vianna, a quem o viuvo explicara a sua resolução. — E' a Nairzinha, filha do Conrado Maia, do Armazem Saldanha.

— Você a conhece?

— Dou-me com a familia, ha muitos annos. Ella deve andar pelos trinta e um annos, e é um encanto, como creatura ajuizada. E que modos! Vê-se, logo, que é uma verdadeira santa, sob todos os aspectos.

Com essas explicações, e a apresentação conveniente, era o Bernardo Pacheco tornado noivo, em breve, da sã Nairzinha, cuja phisionomia transpirava doçura, bondade, e sensatez. E como os noivos não precisassem de arrumar casa nem de proclamar o seu novo estado civil, realizava-se, um mez depois, o casamento, com todas as formalidades legais.

Gordo, pesado, barrigudo, Bernardo Pacheco era o typo representativo, authenticico, do commerciante sedentario. Rosto pallido, molle, opilado, tinha os olhos quasi escondidos nas orbitas, a papada pendente sobre o collarinho, o nariz de batata, e, entre o nariz e a bocca, uma bigodeira aspera, destratada, amarellecida pelos cinquenta cigarros que fumava por dia. Não bebia, nem jogava; tinha, porém, o vicio do fumo, que representava, no seu orçamento, uma despesa mensal de duzentos mil réis.

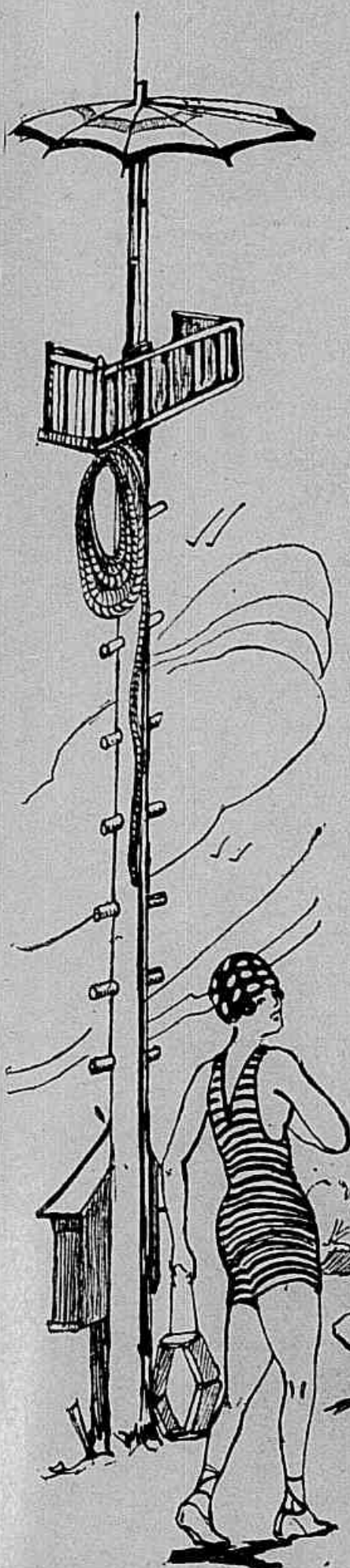
Realizado o casamento, e despedidos os convidados, recolheram-se os noivos aos aposentos. Pacheco fumou no gabinete, um, dois, tres cigarros. Atirada fóra a ponta deste, vestiu o pyjama, e penetrou no quarto em que a virtuosa Nairzinha se estirava, embrulhada nos lençoes immaculados. Atiradas as chinellas para baixo da cama, coçou o pé, e deitou-se, ao comprido, ao lado da moça. E não tinha acabado de accommodar-se, quando uma bocca anciosa procurou, de repente, a sua bocca. O contacto foi, porém, ligeiro, porque a bocca se afastou, de novo, horripilada.

— Oh, sr. Bernardo, que horror!... — protestou a moça. E virando-se para o outro lado:

— Por Deus do céu como eu nunca beijei na minha vida um homem tão sarrento!...

Na sala de jantar, o cuco, pondo a cabeça para fóra do relógio, cantava doze vezes, saudando o casal.

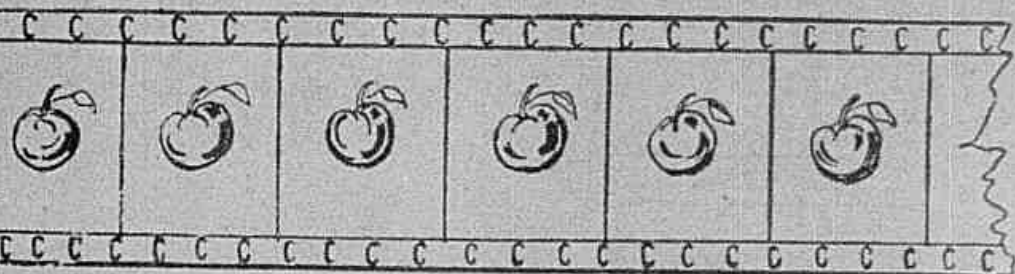
Batu Allah



VERÃO



Tardes de Icarahy



O SUSTO

CONTO DE GIOVANNI MORELLI

A linda Maria Thereza ainda estava no primeiro anno da Escola Normal, e já Dona Guilhermina dizia:

— Minha filha ha de viver independente, como eu sempre vivi. Perdi o meu marido quando tinha apenas um anno de casada, e, com a graça de Deus, ainda não senti falta d'elle!

Gorduchita, estatura mediana, rosto largo e olhos pequenos, Maria Thereza era, positivamente, uma creaturita sem attractivos. A bocca, de labios finos, era rasgada em excesso, e munida de dentes meudos, curtos, eguaes, como de peixe. Possuía o nariz pequeno, e chato, cabellos negros e grossos, começando quasi em cima das sobrancelhas. Esse conjunto physico era redimido, porém, por uma vantagem: Maria Thereza era viva, sagaz, intelligente, como o são, em geral, as filhas unicas das viuvas moças, quando creadas no regaço materno.

Matriculada na Escola Normal, a menina esforçou-se quanto possivel para facilidade do curso. Estudava com applicação, consultava os professores, multiplicava-se na frequencia das aulas, e de tal modo que, ao fim do quarto anno, recebia, feliz, o seu diploma de professora.

Não obstante possuir uma filha moça, Dona Guilhermina não era, nem parecia velha. Os seus trinta e oito annos haviam sido tão generosos, que lhe não tinham posto nos cabellos castanhos um unico fio de neve. Apenas em torno dos olhos se alinhavam algumas rugas, como raios partidos de dois soés. Isso era, porém, defeito que se encontrava em muita moça de vinte, não constituindo, pois, attestado de velhice.

A formatura de Maria Thereza mereceu de Dona Guilhermina uma festa commemorativa do auspicioso acontecimento. Abriu-se a sala da casa, enfeitou-se a mesa, contractou-se uma pianista, e, á noite, rompeu o baile, a que outras collegas da diplomada, acompanhadas dos respectivos namorados, emprestaram animação até a madrugada.

E foi no meio d'essa festa que occorreu o incidente. Achavam-se os convidados, todos, na sala de jantar tomando licores e comendo doces, de pé, em torno da mesa, quando, em certo momento, Dona Guilhermina levantou o seu calice, em saudação á filha.

— Nennen! — disse, entre o silencio geral. — A minha ambição está cumprida. Dezejei que ficasses mulher, e que te diplomasses, para entregar-te a ti mesma, dando-te a independencia que toda a mulher deve ter. Para isso, vou te fazer um presente: vou dar-te de mimo o instrumento de trabalho com que tua mãe ganhou a vida, para que o utilises da maneira porque ella o utilisou.

E ia abrir, de par em par, a porta da alcova, quando a filha se interpoz, protestando.

— Não, mamãe; não! — gemia a moça, quasi chorando.

— Porque, Nennen? Por que? — esbranhava Dona Guilhermina. — Que mal faz mostrar a machina de costura?

— Ahn!... — fez a menina, fechando os braços.

E respirou alto, alliviada.

Giovanni Morelli



OS MESTRES DO HUMORISMO

PIPI

por ARTHUR AZEVEDO

A scena passa-se num hotel de Caxambú.
A sineta do almoço acaba de retinir pela segunda vez.

A mesa redonda está posta, á espera dos hospedes.

O primeiro que apparece é um homem de meia idade, barbeado de fresco, resumbrando saude e bom humor. Senta-se, desdobra o guardanapo, prende-o entre o colete e a camisa, deita a luneta, lê com attenção a lista dos pratos, guarda a luneta, põe a lista de parte, e esfrega rapidamente as mãos uma na outra, evidente signal de que o «menu» não lhe desagrada.

A pouco e pouco vêm vindo os demais hospedes, — senhoras e cavalheiros.

A' cabeceira senta-se um sujeito velho, de oculos, muito serio, com muita barba e a barba muito branca.

Trocam-se cumprimentos.

Conversa-se. Conversa-se muito. Fala-se de politica. Repetem-se boatos.

Afinal, chega o primeiro prato.

O homem de meia idade respira.

Começa o almoço.

Nisto, apparece uma senhora muito distincta, muito elegante, muito bem vestida, trazendo pela mão uma linda menina de tres annos. Ninguem a conhece. E' uma hospede nova. Vem á mesa pela primeira vez.

Todos a encaram silenciosamente e se interrogam uns aos outros com os olhos. Curiosidade geral.

A recémchegada cumprimenta os circumstantes com um ligeiro movimento de cabeça e — um tanto «encafifada» — procura logar para sentar-se á mesa.

O velho de oculos fulmina-a com um olhar de inquisidor-mór.

O criado afasta uma cadeira e offerece-lhe logar. Depois, vae buscar uma cadeira de criança e, suspendendo a menina, fal-a sentar-se ao lado da senhora.

Os commensaes, um momento distrahidos pela inesperada presença da desconhecida, entregam-se afoitamente ao trabalho da mastigação.

Ninguem fala. Só se ouve o bater das mandibulas, o estalar das linguas e a bulha dos talheres.

De repente, a menina de tres annos corta o silencio com estas palavras:

— Mamãe, eu téio fazê pipi.

Todos riem, á excepção do velho de oculos, que franze os sobr'olhos e murmura algumas palavras inintelligiveis.

A desconhecida cora até as raizes do cabello. Entretanto, ergue-se, agarra na pequena, e entra com ella no quarto.

Fazem-se rapidos commentarios

Continua o almoço.

Minutos depois, a senhora volta, trazendo a filhinha pela mão.

Tomam ambas os seus logares.

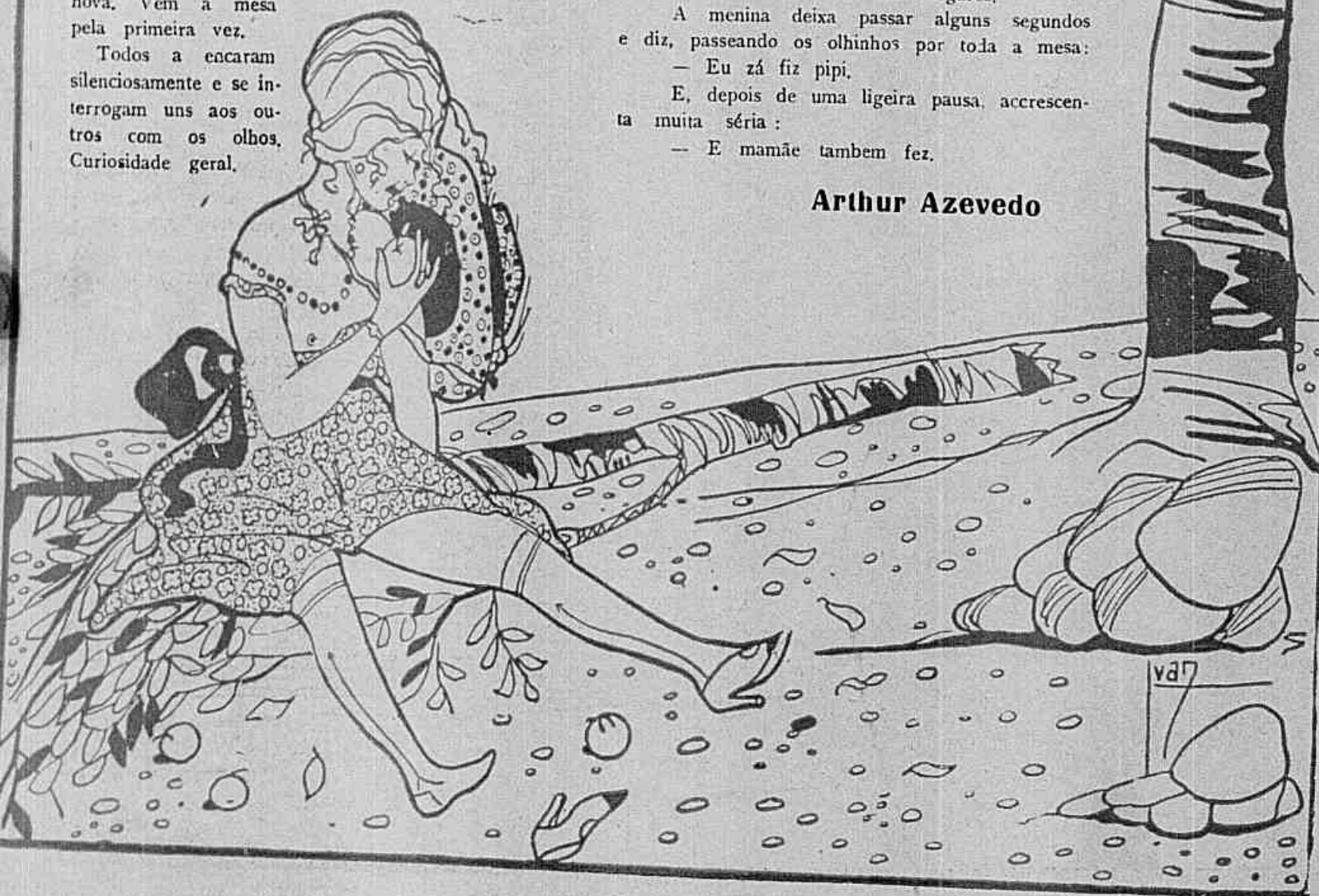
A menina deixa passar alguns segundos e diz, passeando os olhinhos por toda a mesa:

— Eu zá fiz pipi.

E, depois de uma ligeira pausa, accrescenta muita séria:

— E mamãe tambem fez.

Arthur Azevedo



POR TRAZ DOS PANNOS



PEPITA DE ABREU

(Caric. de Cunha Barros)

O Humorismo nos Estados

(Paraná)

O SUPPLICIO

Conto de
ALCEU CHICHORRO

Mlle. Zézita Mandirituba, adoecera havia um mez. No seu leito sempre alvo, de lençóis de linho e colchas roseas, o corpinho moreno, esbelto, gracioso e franzino parecia definhir, exgottado por uma febre quasi ininterrupta, que uma impiedosa grippe infligia, torturando-a.

Passados, porém, aquelles momentos febris, em que todo o seu corpinho parecia arder, sobre um brazeiro, Mlle. voltava á calma, á tranquillidade, e novamente, com os olhinhos pretos e vivos, procurava o que havia em redor de si, como quem accordasse de um grande somno, sobresaltada por idéas mysteriosas.

Mas, ida a febre, vinha a insomnia.

Seis dias e seis noites havia que Mlle. não pre-gava os olhos.

Tudo quanto ensinavam ao casal Mandirituba era desde logo ministrado, mas sem nenhum proveito para a filha enferma.

A mocinha não dormia, e isso vinha preocupando seriamente o seu pae, o sr. Brigido Mandirituba, que, depois de exgottados todos os recursos que julgou uteis, resolveu chamar do Rio de Janeiro um afamado clinico, o professor Wenceslau Felpudo.

Chegando do Rio, na mesma noite, o eminente discipulo de Hypocrates foi visitar a victima da insomnia, que, apesar de tudo, se mostrava bem disposta, risonha, com a physionomia a transparecer bem-estar.

Na casa da familia Mandirituba, foi a grande celebridade medica recebida com todas as honras da pragmatica, e logo conduzida até ao quarto de Zézita, que á luz de uma lampada mortiça lia o «Primo Basilio», do immortal Eça.

Felpudo, com o jaquetão enorme e largo, encastoou o pince-nez de aro de ouro no nariz atucanado e pegando na mãozinha macia da moça, balbuciou paternalmente:

— Então, é esta a minha doentinha?... Pois olhe, não parece que esteja tão doente...

E tirando da algibeira o seu «Omega» para contar as pulsações:

— Pela sua physionomia era capaz de dizer que está sã... Apenas estas grandes olheiras denunciavam a falta de somno...

O quarto começava a se encher de gente. Eram o pae, a mãe, uma fiera de irmãosinhos e algumas amiguinhas da vizinhança, que chegaram para ver si o professor era bonito e saber si não era casado!

Guardando o relógio e scientificando aos presentes que a Zézita não tinha febre, o professor sentou-se á beira da cama e fallou:

— Ha quantos dias a menina não dorme?

— Ha seis!... respondeu ella.

— E não tem somno?

— Não senhor...

— Come bem?

— Como, s'm senhor...

Nessa altura, a gorda, pesada e redonda d. Fedóca Mandirituba intrometteu-se:

— Qual, doutor, a menina a modos que virou passarinho...

Anda beliscando... passa mais com café e bolachinhas.

— Então temos que receitar...

— E é grave esta molestia? interrogou o sr. Mandirituba.

— Não; não tem gravidade nenhuma. A insomnia é proveniente da fraqueza, sendo aliás ben rara nessa idade porque na velhice a falta de somno é bem commum, affirma um autor estrangeiro, que de de, pessoas, que passam dos oitenta annos, oito, por falta de somno, vão dormir depois da meia noite...

— Mas isto deve fazer muito mal!

— Não é tanto; ha pessoas que dormem muito pouco e no entanto têm boa saúde... E nos seres mais fortes verifica-se o mesmo: nos animaes por exemplo. O elephante é dos animaes o que dorme menos. Apesar da sua enorme força para os trabalhos rudes, rarissimas vezes dorme mais de quatro horas por noite! Isto verificou-se no Jardim Zoologico do Rio.

— Só quatro por noite? interrogou a doente, assustada.

— Sim, só quatro e vive muito bem.

Mlle. escondendo o riso perverso no canto dos labios vermelhos, sentenciou:

— Que supplicio!...

— Supplicio para o guardião do jardim?!... exclamou o professor atrapalhado.

Zézita puchou a ponta da colcha rosea, até a sua boquinha e emendou:

— Para o guardião, não senhor; para a mulher do elephante!...

Alceu Chichorro

EXTRAT DE
SROGUEIRA

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!



A DADIVA DO SULTÃO

Conto de BATU ALLAH

Desde moço, fôra aquella a originalidade do senador Americo de Sant'Anna, a ogerisa ás mulheres, moças ou velhas, feias ou bonitas, ricas ou pobres. Nos bailes, não dançava, preferindo a mesa do «po-ker» ou algum recanto do jardim.

E como se esse despreso não fosse bastante, accentuava-o com outra particularidade: preferir, em toda a parte, ás senhoras mais formosas, a companhia dos rapazolas de quinze a vinte annos. Ganhando bastante dinheiro, não despendia um vintem, sequer, com o sexo opposto. E se tinha de dar um presente, dava-o ao Juquinha Rego, ao Lulu Vieira, ao Totonho da Gama, ou a qualquer outro amiguinho de bons costumes, dos dez, ou doze, que formavam a sua «entourage».

Essa originalidade não impedia, entretanto, que Americo de Sant'Anna fosse, desde a mocidade, uma brilhante figura republicana. Excellente orador, mantendo sempre a mesma linha de conducta no fluxo e refluxo dos partidos, fôra deputado por largos annos, e, afinal, senador. E estava nesse posto politico, renovado pela confiança dos seus correligionarios, quando, designado pelo governo para estudar os problemas politicos do Oriente, seguiu para a Turquia, com escala por Marselha.

Gentil, talentoso, insinuante, o senador Sant'Anna encontrou a maior facilidade para o desempenho da sua missão. Relacionado com os embaixadores da Inglaterra e dos Estados Unidos, estes se tornaram para com elle tão amáveis, que o apresentaram, com grandes louyores, ao Sultão, num dia de recepção ao corpo diplomatico.

A chegada do nosso emissario á Turquia coincidira, porém, com o movimento revolucionario que alli se operara, e que ameaçava de deposição a augusta autoridade do Imperador dos Crentes. Mustaphá Kemal dominava já em Angorá e os gregos avançavam em territorio turco, amea-

çando a cidade de Constantino. Mahammed V., continuava, entretanto, impassivel, como se tudo aquillo se passasse a milhões de kilometros da sua fronteira.

Certo dia, porém, após uma conferencia com os representantes das potencias, o Sultão comprehendeu a realidade da sua situação. Fazia-se mister preparar-se para todas as eventualidades, inclusive o abandono do territorio da patria. E, para isso, era indispensavel que Sua Magestade se fosse alliviando de certos encargos, encaixotando as suas preciosidades, acondicionando os seus thesouros, e pondo em liberdade, ou doando, as suas trezentas e setenta mulheres.

Sereno diante do destino, meditava o chefe dos mussulmanos sobre o que lhe competia fazer no momento, quando lhe annunciaram a visita do enviado especial do Brasil. Um gesto de cabeça ordenou o consentimento. E Americo de Sant'Anna entrou, de calça de risca, frak preto, e «fez» á cabeça, á moda do paiz.

Estabelecida a conversa, que versou sobre a situação, o velho Imperador observou-lhe:

— Vossa Excellencia foi sempre um bom amigo do meu governo, e eu não sou insensivel á sua attitude. Por isso, peço-lhe uma cousa: que escolha no meu serralho, dez mulheres, do seu agrado!

— Mulheres, Magestade? — exclamou o senador, espantado. — Agradeço profundamente a boa vontade de que me faz alvo, mas não posso absolutamente aceitar. Prefiro outra qualquer lembrança.

E como Mahammed V. lhe dêsse permissão franca, para escolher o que quizesse:

— Onde estão os ennuchos?

E accendeu uns olhos, deste tamanho.

Batu Allah

CASA DE PRÉGO

(JOIAS EMPENHADAS)

DE UM VILANCETE

Senhora, os astros no além
Num dezejo vivo e ardente,
Attrahem-se eternamente,
Mas, poder forte os retém.
Vivamos assim também,
Soltando sentidos ais,
E... Não devo dizer mais...

GONCA RT DE ANDRADE

SYPHILIS? SÓLUE TYL

Licor - Capsula - Inieccões

PAGINAS ESQUECIDAS

○ AS SOGRAS ○

Cronica de Ferreira de Araujo ◇ ◇ ◇ (1884)

A perspicacia dos nossos leitores não escapou de certo o alcance de uma noticia que hontem publicou esta folha, a respeito do «chic» ultimamente adoptado pelas senhoras elegantes em Vienna, de jogarem as armas.

E' para fazer arrepios de frio á gente, só o pensar n'isso! Se a moda péga cá em nossa terra, o que será d'essas virtuosas senhoras, moleiros de tolas as virtudes, que são a garantia da tranquillidade do lar, a verdadeira base da paz e da união da familia? O que será enfim — porque os leitores de certo já comprehenderam a quem me refiro — das pobres e respeitaveis sogras?

Até aqui, soffriam, essas resignadas martyres do dever e da delicação, toda a sorte de picuinhas das noras. Sómente, as armas d'estas eram em primeiro lugar a lingua, depois as unhas e em ultimo recurso os dentes. Se a esse arsenal, já de si formidavel, as noras reúnem agora tambem a pistola, o florete e a espada, estão as sogras bem arranjadas.

E d'aquí, talvez seja melhor. Os poderes publicos, as leis feitas exclusivamente por homens, têm fingido não ver que ha na sociedade esta classe, mais que todas digna de estima, respeito e consideração, e que soffre na intimidade do lar uma guerra surda, constante, implacavel, do elegante e ferino demonio de suas, que se chama nora.

As noras vão á rua do Ouvidor, correm os armarinhos todos para comprar um metro de fita, e deixam a sogra tomando conta dos filhos, muito malcriados, que mettem os dedos no nariz até o cotovello, e deitam a lingua de fora; vão ao theatro, e lá fica em casa a pobre da sogra a cantar aos meninos — «A Senhora Sant'Anna e o Senhor S. Joaquim» —; quando chega uma visita é a sogra que se entala, vestindo e lavando os pequenos á pressa, para fazer crer que andam sempre muito limpinhos; e no entanto — oh! ingratidão das ingratidões! — não ha mazella que as noras não atirem ás sogras, coitadinhas!

E com tanto geito e manha o fazem, que chegam a convencer a muita gente séria, que é assim mesmo. Vejam: eu, por exemplo, que sou tão escrupuloso n'estas cousas, e que não gosto de pôr minha alma no inferno levantando falsos testemunhos, cheguei a pensar que as noras tinham razão, e que as sogras eram assim uma calamidade um pouco peor que o papel moeda, ou um pouco melhor que a febre amarella. Eu! eu!

Cheguei a este ponto — e dizendo-lhes isto, digo-lhes tudo: uma occasião, estava eu á tarde no largo de S. Fran-

cisco de Paula com o meu amigo João, e outros amigo d'elle, que elle tinha convidado para jantarem em minha casa (o João, sempre que tem de festejar alguma cousa, anniversario, nomeação, cura de um doente, habito da Rosa, ou qualquer outra cousa assim solemne convida os amigos a jantarem em minha casa.)

Tinhamos perdido o bond, estavam alli sem ter que fazer, e conversavamos sobre isto e aquillo, com a profundidade de vistas, proprias dos nossos espiritos cultos. Eis senão quando, passa um casamento, em uma enfiada de carros.

Como de rigor, os recém-casados iam na frente. A noiva era uma moça de seus dezoito annos, linda, de a gente olhar para ella, e só poder dizer:—oh!

O noivo ia-lhe fallando baixinho. O que elle dizia, não sei; o que sei, é que ella estava muito vermelha, tinha nos labios um meio sorriso, e olhava para o noivo quasi sem levantar os olhos.

O João, embasbacado, com a bocca aberta até as orelhas, disse no fim de um minuto de pasmeira, olhando para o noivo:

— Que bruto feliz! D'aquelle anjo que alli vai, não podem sair senão cousas boas. Vejam só que pelle? Nem um eczema! Nem a mais ligeira papula!

Eu senti ferver-me na mente o fogo da philosophia, e exclamei:

— Quem sabe? Não duvido da felicidade do marido; aquelle conheceu aquella moça no momento opportuno. Mas d'aqui a alguns mezes, aquelle anjo será mãe. Muito bem. Nada ha mais santo que a maternidade. A mulher — mãe ainda é mais anjo que a virgem innocente; mas passarão os annos, crescerão os filhos e as filhas, e esta creatura tão bonita, tão pura, que parece que sahio agora mesmo fresquinha das mãos do Creador, d'aqui a alguns annos, aquella creatura será...

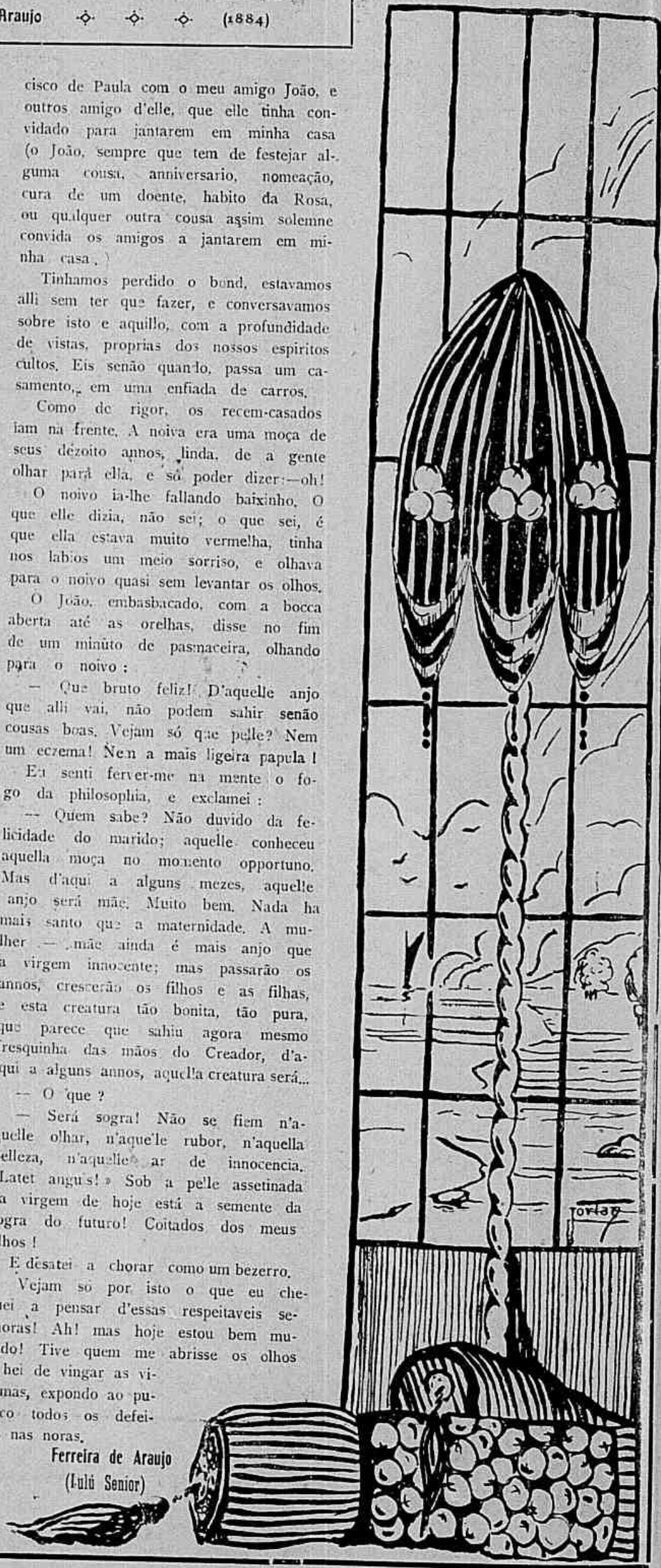
— O que?

— Será sogra! Não se fíem n'aquelle olhar, n'aquelle rubor, n'aquelle belleza, n'aquelle ar de innocencia. «Lateat angustia!» Sob a pelle assetinada da virgem de hoje está a semente da sogra do futuro! Coitados dos meus filhos!

E desatei a chorar como um bezerro.

Vejam só por isto o que eu cheguei a pensar d'essas respeitaveis senhoras! Ah! mas hoje estou bem mudado! Tive quem me abrisse os olhos e hei de vingar as victimas, expondo ao publico todos os defeitos nas noras.

Ferreira de Araujo
(Lulú Senior)



Anthologia Galante

O COLLAR

Pagina d'O DINHEIRO, de Coelho Netto

ACTO II

SCENA XI

Honorio e Livia

HONORIO — Quer um traço do seu marido? Ha dias entrou-me no escriptorio alegre com o resultado de um desses imprevisos golpes de Bolsa, em que é destro e feliz, que lhe deixara alguns contos de réis. Justamente eu ultimava um negocio, que reputo o melhor: e de mais futuro dos que tenho actualmente em mãos. Propuz associar-o nelle demonstrando-lhe as vantagens, os grandes lucros certos da empresa que será, em breve tempo, uma das mais ricas explorações ferroviarias da America do Sul. Recusou, já com a allucinação do esbanjamento. Sahimos juntos, e, como eu tinha de ir ao Rezende, onde dera encontro a um amigo, elle acompanhou-me até lá. Falava com volubilidade febril e, mal entrou na loja, foi logo para as vitrinas e o seu pensamento que, até certo ponto, torna o seu estroismo sympathico, não teve outro fito senão justamente aquella que o julga com tanta injustiça. Enquanto conversei esteve elle a examinar joias: pulseiras, aneis, adereços, decidindo-se, finalmente, por um collar de perolas, que reconheço no que v. ex. traz.

LIVIA (segurando nervosamente o collar) — Este!

HONORIO — Sim, senhora...

LIVIA (de olhos lampejantes) — Quando foi isso?

HONORIO (procurando lembrar-se) — Foi... na quinta-feira passada.

LIVIA — Na quinta-feira passada... (Encarada em Honório). E quanto custou?

HONORIO — Dezoito contos.

LIVIA (repetindo como um echo) — Dezoito contos... (Vivamente). E tem certeza de que foi este?

HONORIO — Se o vi comprar... A prova é que...

LIVIA (dum jacto, em voz sylvante) — A prova é que elle tem um amante!

HONORIO (com simulado espanto) — Uma amante!...

LIVIA — Sim! (Agarrando o collar, encarada em Honório). Este, este aqui tenho-o desde solteira, trouxe-o commigo, comprei-o eu mesma. E' falso!

HONORIO — Falso!... Não é possível...

LIVIA — Sim, falso! Não tenho outro, nunca tive! (Abatida). Ah! tem o senhor. (Como apiedada de si). Dezoito contos! E' ou não para a amante? E para ella é tudo: o tempo, o dinheiro, os carinhos, a vida toda, tudo! Eu sirvo apenas para... (Desata em pranto com a cabeça nas mãos). Dezoito contos! (Secam-se-lhe repentinamente as lagrimas. De cabeça erguida, olhos em fogo). Só de pensar nisso toda eu viro, saltam-me as lagrimas dos olhos... E elle? (Rictus

sarcástico). nem se importa commigo. Sabe que o senhor está aqui e... (Encolhe os hombros com desprezo).

HONORIO

— Mas, minha senhora...

LIVIA —

O que elle quer é dinheiro, venha como vier, para gastar com a cutra. Que lhe importa o mais? Tenha a carteira cheia...

HONORIO — Mas ouça. Deve haver em tudo isto um equivoco. Quem sabe!?

LIVIA — Equivoco?!

HONORIO — As apparencias illudem. Não o accuse sem provas.

LIVIA — Sem provas? (Riso nervoso). E quer mais? Pois não bastam?

HONORIO — Mas pelo amor de Deus... não me tome v. ex. por intrigante.

LIVIA — Não, o senhor não sabia, não podia saber: o que se passa em minha casa. Conhece o homem, não conhece o esposo. Acredito até que ignore que elle tem uma amante.

HONORIO — Juuro-lhe, minha senhora...

LIVIA — Não precisa jurar, a credito. A

amante, essa sim, essa elle esconde dos amigos, agora a mulher... (Gesto de quem lança de si uma coisa desprezível). Acredito. (Nervosa, agarrando o collar). Este é do meu tempo de solteira, trouxe-o commigo. (Num movimento mais vivo rebenta o collar; as perolas espalham-se, ficam-lhe algumas nas mãos. (Contemplando-as enternecida, com lagrimas). Dezoito contos!

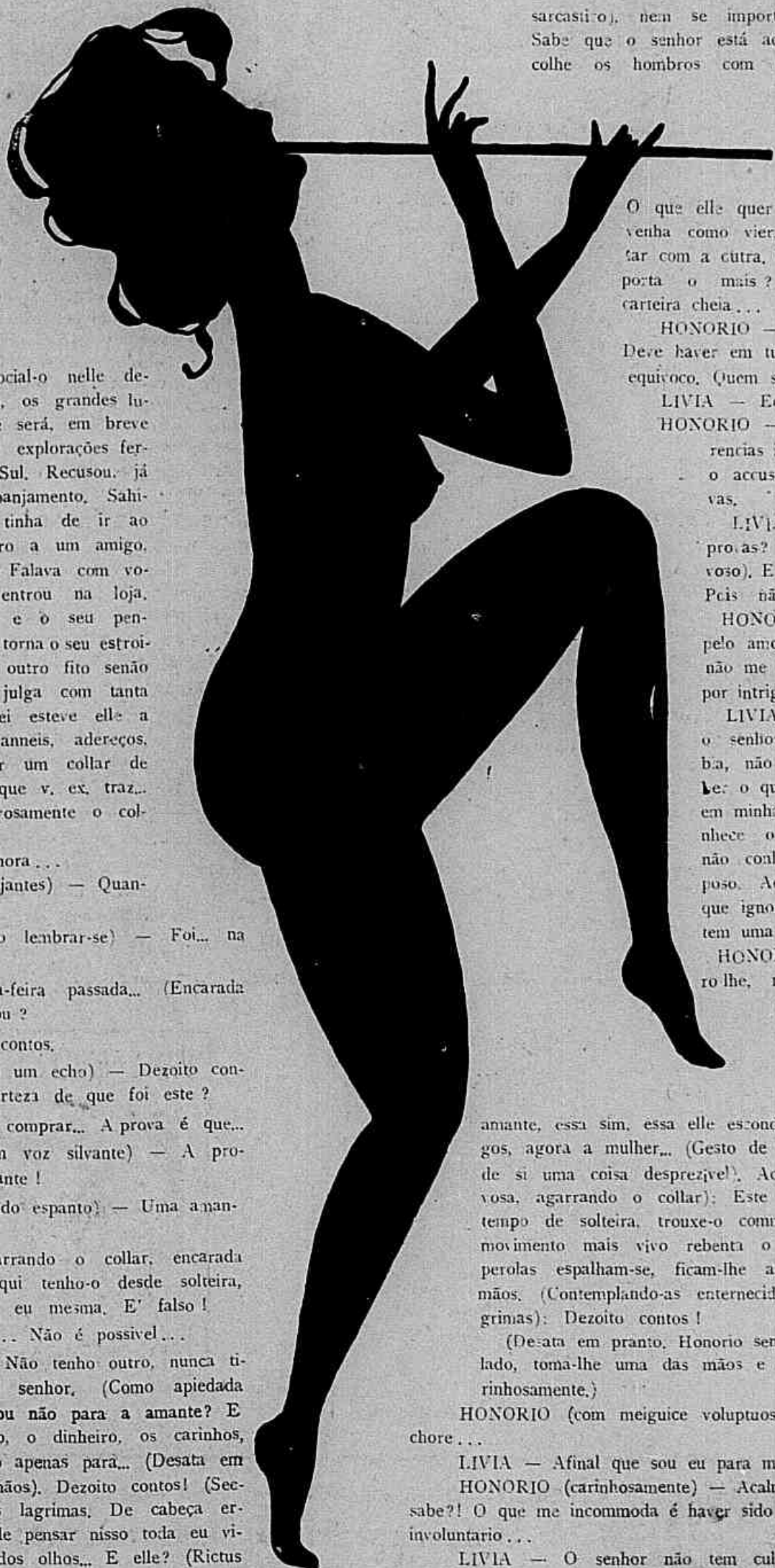
(Desata em pranto. Honório senta-se-lhe ao lado, toma-lhe uma das mãos e afaga-a carinhosamente.)

HONORIO (com meiguice voluptuosa) — Não chore...

LIVIA — Afinal que sou eu para meu marido?

HONORIO (carinhosamente) — Acalme-se. Quem sabe?! O que me incommoda é haver sido o causador involuntario...

LIVIA — O senhor não tem culpa. Eu já



A RAQUETA

CONTO DE AGUINALDO PEREIRA

— Então, «seu» Armando, que resolveu, depois da nossa conversa, ha dias, — perguntou, de sopetão, o velho Souza ao moço.

Este, alumno de odontologia, era um typo repelente de alma e corpo: — avarento e monstruosamente feio. Tinha uma physionomia de coruja, nariz longo e curvo, cahido, em folice, sobre os labios amarellos e luzidios, e os olhitos castanhos entortavam-se estrabicamente, no fundo das orbitas, com hypothecicas palpebras murchas e sem cilios.

Era tão avarento que obtivera do proprietario da pensão a misera redução de vinte mil reis mensaes, com a condição de alimentar-se só de feijão e arroz. Durante o anno, enquanto todos em redor se serviam á vontade, do que estivesse sobre a mesa, no prato delle só se viam as duas coisas, invariavelmente — o feijão e o arroz.

— Mas ao menos faço a economia dos vinte mil réis mensaes — dizia elle explicativamente. No fim de um anno — anno lectivo de dez mezes — são duzentos mil réis. No fim de cinco annos, tempo que levarei para formar-me, perfarei um conto de reis — custo do gabinete dentario.

1 Sendo, pois, ambicioso e teratologicamente feio, foi sem revolta, senão com verdadeiro entusiasmo, que recebeu elle a proposta do velho capitalista Souza: casar com a filha, Ermelinda, creaturinha de que passava o dia todo a jogar «tennis», em cabriolas desconjuntadoras dos musculos mais resistentes, e, em troca, um lindo palacete artisticamente mobillado, e o cheque de duzentos contos.

Mas para que o velho lhe não notasse o cynismo, o estudante pedira oito dias de prazo para dar a definitiva resposta.

No dia aprazado, foi pontual.

Jogou-se displicentemente para cima da fofidão do diivan, e quando, ás subitas, o futuro sogro o interpellou, elle falou:

— Aceito, com duas condições: a primeira é o senhor dar-me o cheque de trezentos contos, em vez do de duzentos.

— Não ha duvida — tornou o Souza que daria até um de quinhentos.

— E a segunda condição?

— A segunda? —

disse o Armando. E, erguendo-se, veio coxixar ao velho:

— E' dizer-me quem foi o seductor!

O outro levantou-se, risonho, esfregando as mãos espalmadas:

— Que seductor, nada, homem de Deus!

E batendo-lhe no hombro, camarada, suppondo tranquilizal-o:

— Foi a raqueta do «tennis»!

Aguinaldo Pereira





Galho DE URTIGA

O jardinsinho

O conhecido homem de letras, depois de uma infinidade de aventuras galantes com mulheres inteligentes, e até literatas, aquietou-se, afinal, com um coraçãozinho simples, que lhe tem feito a felicidade fora de casa.

— E ella tem espirito? — indagavam d'elle, ha dias, no Leite Ribeiro, alguns amigos.

— O sufficiente para fazer-me feliz.

E accrescentava:

— O cerebro das mulheres intellectuaes, são chacaras, parques, florestas, selvas, mattaria espessa, muito rica, mas difficil de conhecer. O d'ella, não.

E definia:

— E' um jardinsinho de Botafogo: pequenino, mas muito bem tratado, e todo florido!

A odalisca

A loura actrizinha que andou, ha pouco, peio norte, e que de lá voltou com menos joias e mais gordura, representou, não ha muito, o papel de odalisca, de modo a ficar obseada pela sua figura de momento.

Ligada a outro artista, este tem andado, ultimamente, atrapalhadissimo com a sua situação. A's vezes estão os dois dormindo, quando elle sente, de repente, a bofetada.

— Levanta-te! Corre! — diz-lhe a somnambula, empurrando-o.

E mettendo-lhe as mãos:

— Corre! vae! que o Sultão não deve tardar!

Precaução

Aquellas duas amigas são inseparaveis. Uma, é baixa, gorda, clara. A outra, morena, alta, nem gorda, nem magra. E, assim como no porte, são, dizem, differentissimas no temperamento: a primeira, é calma, fria, morigerada, persistente; a segunda, é arrebatada, decidida, mas sem comprometter, jámais, o coração.

Ha dias, conversavam as duas, em uma das mesas de chá do pavilhão inglez. E a clara dizia:

— Eu não gosto de me interessar por nenhum. Eu sou uma d'estas creaturas que se dão inteiras, ao homem a quem amam.

— Pois, eu, não, — atalhou a outra. — Eu não me dou nunca!

E numa risadinha, de agiota elegante:

— Eu me empresto!

Carta de Celeste

Meu querido Adolphino.

Tua cartinha do dia 10 fez-me o coração pezaroso. Tinha medo de perder teu amor e, por isso, procurava esconder as manchas e espinhas, com pó de arroz e carmim. Mas foi tudo em vão. Porque, para nossa felicidade, a teus olhos não passava despercebido nenhum defeito meu. Se digo — para nossa felicidade — não é sem razão, pois com algumas applicações d'aquelle creme de cera purificado de que me fizeste presente, consegui, creio eu, merecer a tua phrase predilecta: "Celeste, como és formosa!" Esse creme afugentou as manchas e espinhas com uma rapidez espantosa. Meu bemsinho, estou ansiosa para que me venhas ver sem mais demora para que eu te possa agradecer de um modo bem significativo o afortunado presente.

Vem, sim, queridinho?

Reconhecimento

Ha oito ou dez annos, o illustre magistrado, que ainda era casado, mandou para a Inglaterra, a estudar engenharia, um rapazola cuja origem ninguem sabia explicar. Diziam uns que era sobrinho, outros que era afilhado, e todos que o protegido parecia, demais, com o protector.

Em principios d'este anno, o rapazola voltou da Europa, formado. Está um homenzarrão. O clima, os exercicios, a idade, tornaram-n'o differentissimo do que era. Ha dias, estavam alguns dos seus antigos companheiros de collegio na Colombo, quando elle entrou.

— Conheces? indagou o dr. Pernambuco Filho, a um collega. — E' fulano.

E disse-lhe o nome.

— Fulano? — estranhou o outro. —

Pois, olha, eu quasi não o reconheço!

— E' natural, filho! — tornou o dr. Pernambuco.

— ...

— O proprio pae não o reconheceu!

O novo «front»

E' uma anedocta parisiense, attribuida ao presidente da Republica Franceza, o sr. Millerand.

Conversava-se, certo dia, no Ely-

sen, sobre o casamento do Conde Guilherme de Hoenzollern, quando o sr. Poincaré puxou do bolso um telegramma da Hollanda, communicando haver o ex-Kaizer casado em Dorn, naquella dia.

— Que idade tem a noiva? — indagou o Presidente.

— Trinta e tres annos, — informaram.

— E elle?

— Sessenta e cinco.

— Coitado!... — fez o sr. Millerand, penalizado.

E malicioso:

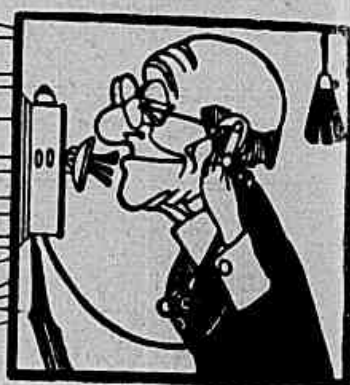
— Mais um «front» a defender!...

— O seu alfaiate veste-o mal?
Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem?
Nós o vestiremos melhor...

VISITE V. EX. A **ESTRELLA BRANCA**
(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Uruguayana — 146



"POTINS"

A inquilina privilegiada

Em uma rua de Botafogo ha um correr de casas, pertencente a uma viuva idosa cujos negocios estão a cargo do filho, rapazola de vinte e poucos annos. Votada a lei do inquilinato, a dona dos predios mandou o filho scientificar aos moradores de que se submettia ao acto do Congresso, mas que, em compensação, não faria o menor concerto, mesmo para arredar uma telha.

O rapaz desempenhou-se da incumbencia, indo de casa em casa. Em uma d'estas vive, porém, sosinha, uma dactylographa, senhora divorciada, a quem o rapaz, pelo tempo que demorou, parece ter custado a convencer.

— E não só isso! — contou-nos um visinho.

E com inveja:

— Das casas todas, é a unica em que vão fazer concertos. Ainda hontem entrou até papel, para forrar a alcóva!...

O discurso de Hinton

O povo carioca é de uma adoravel exigencia com os seus hospedes. Encantado com a simplicidade dos tripulantes do «Sampaio Correia», passaram Hinton e Pinto Martins o dia da sua chegada debaixo de manifestações populares. A' noite, em frente ao Aero-Club, onde os aviadores estavam sendo homenageados, a multidão começou a engrossar. De subito, romperam as palmas, e Martins appareceu á janella, fazendo uma saudação entusiastica ao povo do Rio de Janeiro.

— Hinton! Hinton! — reclamou a multidão, quando Pinto Martins acabou.

O sympathico americano surgiu á janella, risinho, mas o povo não se contentou.

— Fala! Fala! — gritaram de baixo.

Hinton mergulhou na sala, de novo, e, um instante depois reaparecia, para dizer simplesmente, com todos os r r:

— Oppricada, senhorres!

Foi um delirio.



As origens da lei secca

Para o mundo inteiro, foi uma surpresa a facilidade com que o Congresso americano aceitou o projecto do senador Whitmann, prohibindo inteiramente o uso do alcool nos Estados Unidos. Como essa lei ferisse fundamente o commercio de vinhos francezes, foi nomeada na França uma comissão para estudar as origens da medida. E os resultados do inquerito foram, agora, divulgados.

— O senador Whitmann, — conta o relatorio, — era um dos maiores bebedores dos Estados Unidos. Tendo, porém, muitos filhos que iam pelo mesmo caminho, e não querendo que elles tivessem sorte má, começou por prohibir o commercio de bebidas fermentadas, quando governador do Estado de Nova-York. Eleito senador, ampliou num projecto, a medida, tornando-a nacional. O Senado aceitou, extendendo por todo o paiz uma prohibição que devia ser de caracter puramente domestico!

O relatorio não adianta, entretanto, se o senador continuava a beber.

Business! Business!

Uma das feições mais encantadoras de Pinto Martins, o audacioso aviador patricio que acaba de realizar o «raid» Nova-York-Rio de Janeiro, é a singelleza dos modos, a simplicidade das maneiras.

Ao lançar ferro na Guanabara, a poucos metros do pavilhão de Caça e Pesca, as autoridades, com o Prefeito á frente, dirigiram-se para a ponte, afim de dar-lhe as boas-vindas. Passaram-se os primeiros dez minutos, sem que Martins se mexesse da «nacelle». Passaram-se mais cinco, e elle firme, no seu posto. Cançado de esperar, o Prefeito fez-lhe um signal:

— Faz obsequio de saltar!

— Não posso! — respondeu-lhe, do avião, o nosso patricio, gesticulando.

E levando as mãos á bocca, em fôrma de trompa: — Estou contractado para tirar um «film»... Só quando acabar!

Continuação de O COLLAR

desconfiava e havia de saber, mais hoje, mais amanha. Foi melhor assim... Foi melhor... (As lagrimas rebentam-lhe em jorro).

HONORIO — Mas ouça... A senhora não está só... Então?

(Hesita um momento. Subito, d'arranque, toma-a nos braços imprimindo-lhe um beijo na bocca. Colhida de surpresa, Livia debate-se, repulsa-o e, de pé, olhos em fogo, encara-o a fito, tremula. Inicia um gesto de expulsão, mas retrah-se; o braço cahe-lhe abandonado, inclina a cabeça e queda succumbida. Honorio adianta um passo receioso.

LIVIA (levantando a cabeça, com um sorriso triste, que irradia odio, diz dolorosamente):

Está no seu direito...

Coelho Netto

PARA MOLESTIAS DA PELLE



Dr. Eduardo França



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

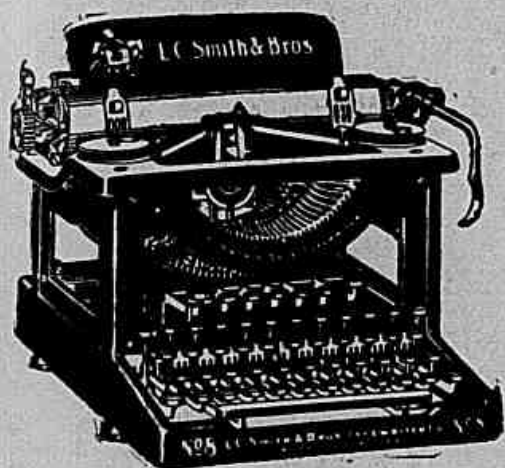
Uma experiencia custa apenas: Liquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio

Equipamento moderno de escriptorio

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, “a esferas” na SMITH & BROS, não é nenhuma innovação — 20 annos de experiencia têm demonstrado a excellencia deste systema — Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL

sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Agente geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158

Mimeographos, ‘Edison-Dick’ — Os afamados Cofres “Minerva” etc. etc.

Visitem minha exposição.



A mais antiga casa de roupas brancas,
para homens, cama e meza, da rua do Ouvidor, é a

CASA ESTRELLA

a preferida do publico pela superioridade de seus
artigos e modicidade de seus preços.

OUVIDOR, 134

GRANDE PARQUE DE DIVERSÕES

Empresa: **V. Fernandes, Lopes & Comp.**

Recinto da Exposição

O PARQUE E' HOJE O PONTO CHIC VISITADO DIARIAMENTE POR TODA A POPULAÇÃO CARIOCA

HOJE

HOJE

Funcionarão todos os divertimentos

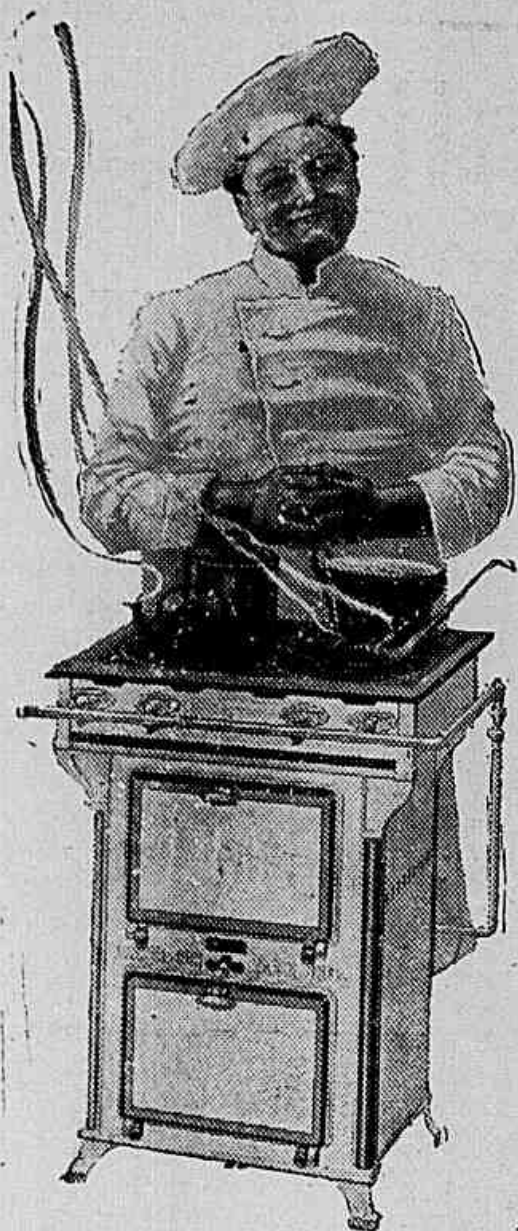
Aos Domingos, matinée infantil

SALAO DE DANSAS — Devido á grande concorrência que tem tido o salão de dansas a Empreza resolveu dar
Soirée chic ás sextas-feiras, das 8 horas da noite á 1 hora.

THEATRO CARLOS SAMPAIO

Verdadeiro paraizo terrestre, o formoso Palacio será dentro de poucas horas, o lugar delicioso em que os habitantes desta bella cidade encontrarão a alegria intensa e o riso espontaneo

BANDA DE MUSICA — ORCHESTRA BARS — SALOES DE LUNCHS — SALOES DE CHA' — TRENS
LILIPUTIANOS — ENTRADA : — 1\$000



FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Ruh-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

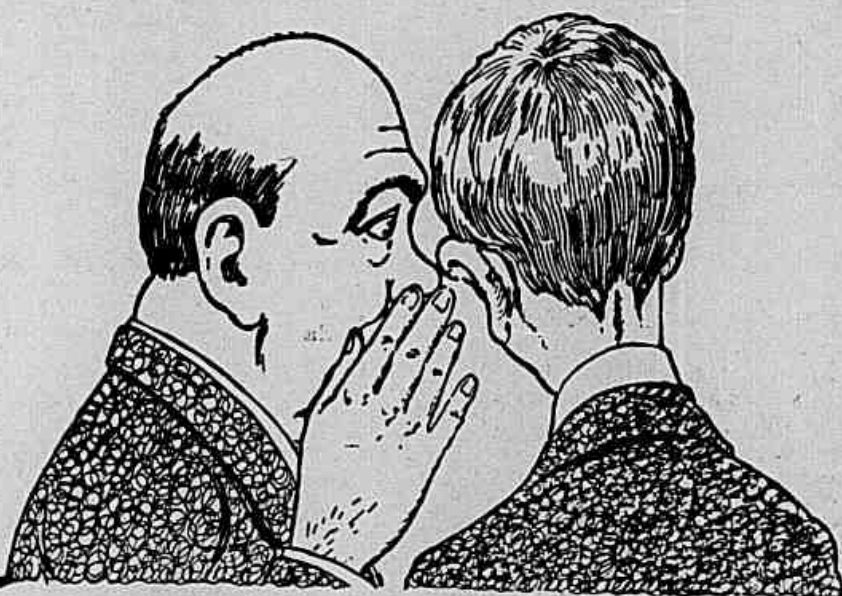
Sabonete SANITOL

é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Rua Theophilo Ottoni, 98

Telephone Norte 6773 RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 - RIO

LIVROS

DO

CONSELHEIRO X. X.



VALLE DE JOSAPHAT -- chro-
nicas de 1918 (10.º mi-
lheiro) 1 vol. 300 pags.
br. 5\$ enc. 6\$500

TONEL DE DIOGENES -- chronicas
de 1919 (12.º milheiro)
1 vol. 320 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

A SERPENTE DE BRONZE -- chro-
nicas de 1920 (10.º milheiro)
1 vol. 360 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

GANSOS DE CAPITOLIO -- chroni-
cas de 1921 (6.º milheiro)
1 vol. 406 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

NO PRELO

BACIA DE PILATOS -- chronicas de 1922
1 vol. 400 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

Editora : GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas : Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899 — End. telegr. ETIEL — Telephones: Central 250 e 38



GUARANT

TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal. Base de genuino e concentrado guaraná - kola - cocca - arsenio-phosphatos, nóz vomica, etc.

PILULAS DE CAFERANA
DE
ABREU SOBRINHO

FÉBRES

- INTERMITTENTES •
- PALUSTRES • SEZÕES •
- NEURALGIAS •
- MALEITAS •

A assistência aos tuberculosos

A Liga Brasileira contra a Tuberculose previne ao publico que o seu serviço especial de Assistência Domiciliaria, instituido desde 1913 para vi-itar e tratar tuberculosos indigentes, continúa a funcionar regularmente em todas as freguezias urbanas do Districto Federal, tendo a sua séde á rua Senador Euzebio n. 238.

O enfermo que não póde frequentar os dispensarios da Liga é assistido em seu proprio domicilio recebendo gratuitamente, além dos soccorros medicos, ministrados por especialistas, os remedios necessarios e bem assim o leite de superior qualidade.

Um simples aviso dado pelo telephone (Norte 3930) nas horas do expediente (11 horas da manhã ás 2 da tarde), basta para a immediata satisfação do pedido de assistência.

Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e creanças, em syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 60, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nitheroy

Telephone 2066

Não temer a Tuberculose

O "SANGUINOL"

É o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tónico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrofulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saúde, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". É o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Drogarias e Pharmacias

Não ha mais mortes

Em consequencia de hemorragias nos partos tomando a

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar á luz. Evita as dores dos partos, as hemorragias antes e *post-partum*. Cura colicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflammções dos ovarios, Suspensão das Regras e todos os males que átaçam a mulher. A "FLUXO-SEDATINA" é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brazil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

A MAÇA
EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:		Capital:	
Anno	25\$000	Numero avulso	\$500
Semestre	15\$000	atrazado	\$600
Numero avulso	\$600		

Exterior:

Porte simples		Registrado	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
1/2 "	110\$000	Capa a duas côres	450\$000
1/4 "	60\$000	" " trez "	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. João de Abreu.

Telephone N. 4594

O « pae de chiqueiro »

O dr. Arrojado Lisboa, chefe do serviço contra as seccas do nordeste, é dono de uma das barbas mais abundantes da cidade. Cahindo lhe, grisalha, pelo peito, ella empresta ao illustre engenheiro uns ares de bispo antigo, dando-lhe gravidade, magestade, solemnidade.

Os caboclos cearenses não têm, porém, respeitado convenientemente as barbas do notavel brasileiro. Visitava o nordeste, ha pouco, um jornalista do Rio, quando, no Quixadá, resolveu entrevistar um trabalhador do açude sobre a efficiencia dos serviços.

— Os americanos mesmo não tem feito grande coisa, não, — opinou o matuto. — Mas, « home » de trabalho é o « véio ».

— Que velho ?

E o cearense, que não sabe, sequer, o nome do seu grande bemfeitor:

— O « barbadão » o « pae de chiqueiro »!

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS? ...

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSONARIOS
S. FARIAS & CIA
RUA MAJOR AVILA, 67
DEPOSITARIOS
DRUG. RIBEIRO MENEZES & CIA
Rua Uruguayana, 91
DRUG. BAPTISTA
Rua dos Ourives, 30



Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento
cultural no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento
literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no
interior.

EDITORA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

OLHOS

Inflammações e purgações

— USE O —

"COLLYRIO MOURA BRASIL"